

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
CAMPUS CAICÓ - CaC
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO

GEINA EMILIA GERMANO DA SILVA

O MITO DA CAVERNA:
UMA REFLEXÃO CRÍTICA PARA O PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM DOS ALUNOS NO ENSINO MÉDIO

CAICÓ
2019

GEINA EMILIA GERMANO DA SILVA

O MITO DA CAVERNA:
UMA REFLEXÃO CRÍTICA PARA O PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM DOS ALUNOS NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO/Polo Caicó, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestra em Filosofia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Lourival Bezerra da Costa Júnior.

CAICÓ
2019

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586m Silva, Geina Emilia Germano da
O Mito da Caverna: uma reflexão crítica para o processo de ensino aprendizagem dos alunos no ensino médio. / Geina Emilia Germano da Silva. - Caicó, 2019.
90p.

Orientador(a): Prof. Dr. Lourival Bezerra da Costa Júnior.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Filosofia).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Mito da Caverna. 2. Platão. 3. Diálogo. 4. Conhecimento. 5. Processo de aprendizagem. I. Costa Júnior, Lourival Bezerra da. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

GEINA EMILIA GERMANO DA SILVA

O MITO DA CAVERNA:
UMA REFLEXÃO CRÍTICA PARA O PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM DOS ALUNOS NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO/Polo Caicó, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestra em Filosofia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Lourival Bezerra da Costa Júnior.

Aprovado em 02 de outubro de 2019.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Lourival Bezerra da Costa Júnior – Orientador
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Prof^a. Dr^a. Shirlene Santos Mafrá Medeiros – Examinadora interna
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Prof. Dr. Markus Filgueira da Silva – Examinador externo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Dedico este trabalho a Deus, meus pais, esposo, irmãos, “filho”, que me ajudaram e me impulsionaram a ter coragem para vencer mais uma batalha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pois não foi fácil essa conquista, mesmo com problemas de saúde, tentei superar minhas limitações e finalizar o trabalho, pois a fé sempre esteve presente na minha caminhada.

À minha família, por sempre estar comigo em todos os momentos. Meus pais e irmãos, sem vocês não seria possível conseguir meus objetivos, sempre incentivando que tudo é possível.

Ao meu esposo, amigo, companheiro de todos os momentos, sempre presente com seu apoio e paciência, mostrando que mesmo nas dificuldades tudo pode ser superado, pois nunca estarei sozinha na caminhada, pois ele sempre estará ao meu lado.

Ao meu orientador, Prof. Lourival Bezerra da Costa Júnior, por sempre acreditar em mim, pois foi muito importante seu incentivo, compreensão, como também seus ensinamentos e orientações.

Aos professores e colegas que acompanharam toda essa trajetória, contribuindo de forma significativa, a partir das discussões e experiências compartilhadas.

A todos que compõem a Escola Estadual João Silveira Guimarães, pelo apoio, atenção, carinho e ajuda. Sem essa equipe, não teria conseguido finalizar minha pesquisa. Em especial, aos alunos que participaram da pesquisa, por terem aceitado e contribuído de forma significativa, pois todos tiveram compromisso em todas as aulas e atividades.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa, meu muito obrigado.

A coisa mais indispensável a um homem é reconhecer o uso que deve fazer do seu próprio conhecimento.

(PLATÃO).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral investigar em que medida o Mito da Caverna pode ser indicador de melhoria de aprendizado para alunos do Ensino Médio cuja faixa etária varia entre 17 e 20 anos. O texto está inserido no capítulo VII da obra *A República*, de Platão. A partir do olhar da obra de Platão, obtêm-se alguns questionamentos: É possível a filosofia despertar no aluno de Ensino Médio o desejo do conhecimento? Será que é importante interligar o *Mito* com a realidade atual? Qual o imaginário dos alunos frente ao *Mito da Caverna*? Como metodologia qualitativa, realizou-se estudo de caso, adotando-se uma estratégia qualitativa, a partir da qual se aplicou questionários e entrevista com alunos do Ensino Médio da Escola Estadual João Silveira Guimarães, localizada na cidade de São Bento, no sertão da Paraíba, utilizando-se de uma avaliação de forma contínua para analisar a percepção dos alunos quanto ao desejo por conhecimento da Filosofia como também se é importante interligar o *Mito* com a realidade atual. O resultado aqui obtido é que a maior parte dos participantes achou importante trabalhar esta questão, pois, com o aprofundamento da leitura de Platão especificamente o *Mito* houve uma melhora significativa no processo de relevância através do conhecimento filosófico. Portanto, afirma-se que o diálogo platônico e o estímulo a curiosidade dos alunos do Ensino Médio no processo de ensino da Filosofia permitem que esses pensem de modo mais crítico, profundo, sistemático e adquiram conhecimentos e atitudes que servirão para p seu próprio desenvolvimento na sociedade.

Palavras-chave: Mito da Caverna. Platão. Diálogo. Conhecimento. Processo de aprendizagem.

ABSTRACT

This paper aims to investigate to what extent Cave Myth may be an indicator of learning improvement for 15 - 18 year olds. The text is inserted in chapter VII of the work *The Republic*, of Plato. As a method, a case study was carried out, adopting a qualitative strategy, from which questionnaires were applied and interviews with High school students of the state schools João Silveira Guimarães , located in the city of São Bento, in the Sertão of Paraíba state, using an evaluation. continuously to analyze students' perception of their desire to know their philosophy, as well as to link or *Myth* to the current reality. The result here is that most of the participants are important, as well as passed on as Plato and *Myth* read deeper, but have had a significant improvement in the learning process and philosophical knowledge. Therefore, as a conclusion it is stated that dialogue platonic and stimulate the curiosity of high school students in the teaching process of philosophy can be considered more critical, deep, systematic and acquire knowledge and attitudes that serve as the basis for their own development in society.

Keywords: Cave myth. Plato. Dialog. Knowledge. Learning process.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Idade).....	55
Gráfico 2 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Tempo de dedicação aos estudos).....	56
Gráfico 3 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Tempo de dedicação ao estudo de Filosofia)	57
Gráfico 4 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Importância de estudar)	58
Gráfico 5 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Sobre gostar de estudar)	58
Gráfico 6 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Sobre a percepção da importância da Filosofia)	59
Gráfico 7 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Sobre a leitura de textos filosóficos)	60
Gráfico 8 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Sobre os conteúdos trabalhados na disciplina de Filosofia)	61
Gráfico 9 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Sobre o estudo do Mito da Caverna)	62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFLEXÃO SOBRE MITO, CRENÇA E POESIA COM PAIDÊUTICA NA GRÉCIA ANTIGA	13
2.1 OS PRÉ-SOCRÁTICOS	19
2.2 RELAÇÃO ENTRE MITO E FILOSOFIA	23
3 CONTEXTO HISTÓRICO DE PLATÃO	26
3.1 BREVE RELATO DA OBRA A REPÚBLICA DE PLATÃO	30
3.2 PENSAR E REFLETIR FILOSOFICAMENTE NO ENSINO MÉDIO PARTINDO DO MITO DA CAVERNA	32
3.3 DA PAIDEIA GREGA A PAIDEIA (EDUCAÇÃO) CONTEMPORÂNEA NO ENSINO MÉDIO	40
4 PRÁTICA FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO: PROPOSTA DE UM DIÁLOGO POSSÍVEL	47
4.1 LOCAL DE PESQUISA E POPULAÇÃO ESTUDADA	49
4.2 MODELO DE PESQUISA E METODOLOGIA.....	51
5 DESCRIÇÃO DAS ESTRATÉGIAS E EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA	55
5.1 ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO	64
5.2 ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA E RESULTADOS DA PESQUISA	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICES	82
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	82
APÊNDICE B – TÓPICOS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I.....	83
APÊNDICE C – TÓPICOS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II.....	84
APÊNDICE D – ELABORAÇÃO DE REDAÇÃO FILOSÓFICA	85
APÊNDICE E – MODELOS DE ATIVIDADE	86
ANEXOS	88
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	88

1 INTRODUÇÃO

É consensual na literatura que, a partir do diálogo presente na obra *A República*, entre outros clássicos de Platão, a apresentação das discussões de problemas filosóficos é importante para pensar e compreender a filosofia e o ensino de filosofia.

Particularmente na escola, o professor tematiza através de diálogos, unindo o passado e o presente, para que seus alunos reflitam sobre a importância da compreensão no que diz respeito aos textos reflexivos. Compreende-se que novas leituras devem ser feitas, principalmente nas obras clássicas de filosofia, pois fornecem diagnósticos críticos, como também proporcionam ações transformadoras. E essas leituras devem ser introduzidas em discussões contemporâneas para que os alunos compreendam a importância de estudar esses textos.

Para que isso ocorra, deve-se refletir com os alunos sobre o *Mito da Caverna*, de Platão. Com isso, se faz necessário investigar as diversas nuances que nos oferece essa ferramenta chamada *Mito*. Nessa reflexão, é importante entender a antiguidade, a busca da filosofia, ou seja, do conhecimento. Para essa compreensão, é então introduzida a sabedoria de um dos mais renomados filósofos, Platão, que diz: “[...] graças a uma correta educação combinada a uma felicidade natural se converte ordinariamente na mais divina e na mais dócil de todas as criaturas, à falta da educação suficiente e bem orientada, é a mais selvagem de todas sobre a Terra” (PLATÃO, 1999b, p. 248).

No sentido indicado, refletir sobre o *Mito da Caverna*, história alegórica que faz parte da obra *A República*, de Platão, se torna pertinente no ambiente escolar. Em consequência disso, surgem algumas indagações, tais como: É possível a filosofia despertar no aluno de Ensino Médio o desejo do conhecimento? Será que é importante interligar o *Mito* com a realidade atual? Qual o imaginário dos alunos frente ao *Mito da Caverna*?

Mediante o exposto, essa investigação procura investigar partindo do seu objetivo geral em que medida o *Mito da Caverna*, de Platão, pode ser indicador de melhoria de aprendizado para alunos do Ensino Médio, cuja faixa etária varia entre 17 e 20 anos, os quais vivem no sertão do Nordeste brasileiro, particularmente, fazendo parte da Escola João Silveira Guimarães, da cidade de São Bento, no estado da Paraíba.

Especificamente, a pesquisa propicia, estimular os alunos, por meio do *Mito da Caverna*, a pensarem de modo mais crítico, profundo, sistemático e a adquirirem conhecimentos e atitudes que servirão de base para o seu próprio desenvolvimento pessoal e social. Dessa forma, deve-se suscitar no aluno do Ensino Médio a curiosidade e levá-lo a conhecer a filosofia não apenas como uma disciplina com conteúdos a serem memorizados, mas como “modo” de pensar a vida e o mundo. A filosofia, portanto, poderia criar atitudes que vão além do senso comum, com conteúdos que não se prestam à mera memorização, mas que despertem o senso crítico, através do conteúdo, com o objetivo de construir o pensar.

Recorrendo à metodologia platônica, por meio do diálogo como referência para o desenvolvimento do processo educacional, a investigação utiliza-se de uma pesquisa qualitativa, com base em entrevistas e questionários, realizada com os alunos de Filosofia. Para tanto, parte-se da hipótese de que o pensar reflexivo far-se-á necessário para aperfeiçoar as práticas e tornar as aulas mais prazerosas e significativas no Componente Curricular de filosofia, como também incentivar os alunos a desenvolver o processo de criticidade.

A pesquisa está dividida em 6 capítulos, desse modo, além dessa introdução que é o primeiro capítulo, apresentamos o segundo capítulo que buscará expor reflexões acerca do *Mito*, crença e poesia com paidêutica na Grécia Antiga, mostrando a importância de se entender esses conceitos, assim como sua historicidade. Nesse mesmo capítulo, será possível encontrar uma discussão que descreve os pré-socráticos e os escritos de Platão na perspectiva de suas contribuições para a filosofia. Assim sendo, o referido capítulo busca explorar a relação do *Mito* com a filosofia.

Por sua vez, o terceiro capítulo tenta abordar o contexto histórico de Platão e sua importância dentro da filosofia, fazendo um breve relato sobre a obra *A República*, dando ênfase ao *Mito da Caverna*. Também busca-se mostrar as abordagens e contribuições do *Mito* para o Ensino Médio. Nesse ponto, é feito um paralelo entre a Paideia grega e a educação contemporânea.

O quarto capítulo, além de apresentar um breve olhar sobre o Ensino de Filosofia, busca mostrar a importância do diálogo no Ensino Médio, apontando metodologias que contribuem no processo aprendizagem dos alunos.

O quinto capítulo traz uma discussão sobre os resultados evidenciados quanto à percepção dos alunos no processo de ensino aprendizagem da disciplina da Filosofia.

E por último, no sexto capítulo, encontra-se as considerações finais, que faz uma análise da importância da pesquisa e sua contribuição para a filosofia no Ensino Médio.

2 REFLEXÃO SOBRE MITO, CRENÇA E POESIA COM PAIDÊUTICA NA GRÉCIA ANTIGA

O escopo do trabalho como anunciado na introdução, consiste em desenvolver uma reflexão acerca de uma possibilidade de trazermos para a atualidade o âmbito da paidêutica grega. Pontualmente, nos apropriando do *Mito da Caverna*, de Platão, como estratégia central de um elo que liga tanto a educação interior como a posterior e a visão platônica.

Com base no que dissemos anteriormente, procuramos descrever o modo pelo qual tentamos transpor uma visão da filosofia clássica e até de uma Grécia Antiga para o Ensino da Filosofia na contemporaneidade, especificamente relacionada ao Ensino Médio e ao perfil de nossos alunos. Para tal empreendimento, evidentemente, buscamos apoio epistemológico através de comentadores que serviram de orientação nessa transposição. Para fazer jus às preciosas indicações sugeridas durante a qualificação desse trabalho, realizou-se todas as observações, com isso, buscamos incluir em nossa investigação as afetações no âmbito do Ensino de Filosofia propiciadas pela reflexão sobre o mito, crença e poesia no âmbito de uma paidêutica grega. Do mesmo modo, buscamos orientação em alguns platonistas que têm como foco os problemas do conhecimento suscitados pela visão platônica, isso porque, como anunciado, o *Mito da Caverna* nos servirá de guia.

De acordo com Trindade Santos (2012, p. 58), a construção do conhecimento é guiada por uma:

[...] reforma da teoria das formas, portanto, guiado por um novo modelo de pensamento que se dá como reforma de Ensino de Filosofia para o aprendiz daquela época, com isto, se nota uma dinâmica que se processa de uma época e outra nas transformações cronológicas do aprender e ensinar filosofia.

Nesse sentido, é importante compreendermos o ensino de filosofia e suas transformações em cada época, refletindo sobre o processo de aprender e ensinar na contemporaneidade para a melhoria do conhecimento.

Durante o período da antiguidade, a mitologia tentava explicar os fenômenos naturais. O mito era considerado grande representação das cidades e os povos gregos. A partir de narrativas com deuses que assumiam personalidades e formas antropomórficas acarretou-se inúmeras divindades e narrativas míticas.

Entretanto, o processo mitológico sofreu inúmeras transformações ao longo do tempo, por meio de novas culturas existentes no helenismo¹. Sendo considerado forma de pensamento não sistematizado, baseado no senso comum, possibilitou na história o pensamento crítico.

Nesse tempo, não se buscava um encadeamento causal, os *aedos*² eram suficientes, ou seja, metrar os contos sobre os deuses era o caminho para a educação dos jovens. O mito vem sendo estudado há vários séculos, embora que em muitas investigações não perdure o interesse de debruçar-se sobre esse tema, ilustra vários campos dos saberes, por isso que é importante observarmos e oferecer uma multiplicidade de sentidos. Campbell (2007, p. 15) diz que “em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido”. Assim, fica demonstrada a importância da leitura hermenêutica a mitologia na Grécia Antiga.

A mitologia pode ser considerada “Con-junto de mitos característicos de uma determinada cultura ou tradição” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 132). Também pode ser processo de formação da humanidade, que, ao longo do tempo, sofreu várias transformações, obteve várias influências e, também, renovou-se com o tempo. Entendemos a mitologia como um pensamento baseado no senso comum, em um pensamento não racional, não esquecendo que esse processo possibilitou o pensamento crítico e sistematizado ao longo da história.

Compreende-se que a mitologia grega, está voltada para narrativas que são vinculadas à história, elencando a linguagem, cultura e pensamento de um indivíduo daquela época. Nesse sentido, Elíade (1972, p. 40) diz:

O gênio filosófico grego aceitava o essencial do pensamento mítico, o eterno retorno das coisas, a visão cíclica da vida cósmica e humana, e o espírito grego não considerava que a história pudesse se tornar objeto de conhecimento. A física e a metafísica gregas desenvolveram alguns temas constitutivos do pensamento mítico: a importância da origem, da *arché*, o essencial que precede a existência humana, o papel decisivo da memória, etc.

¹ O período helenístico (do grego, *hellenizein* – “falar grego”, “viver como os gregos”) fez parte da história da Grécia e de parte do Oriente Médio entre a morte de Alexandre o Grande em 323 a.C. e a anexação da península grega e ilhas por Roma em 146 a.C. O helenismo foi considerado um ideal de Alexandre: o de levar e difundir a cultura grega aos territórios que conquistava. O helenismo marcou um período de transição para o domínio e apogeu de Roma (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 91).

² Na mitologia grega, *Aedos* (em grego antigo: Αἰδώς), a divindade que representava o sentimento da dignidade humana, seria considerado aquele que tem o papel de compor e cantar (COLOMBANI, 2005, p. 6).

Com o mito, o indivíduo da Grécia Antiga desenvolve a inteligência e aquilo que o intelecto não pode explicar. As narrativas míticas expressam um povo que se relaciona com os deuses e tenta explicar o tempo, valores, sentimentos entre outros.

O mito vem sempre apresentado sobre as vestes da verdade, apoiada numa tradição quer de cunho religioso, educativo ou político, quando, então, utilizará a força desta tradição para se manifestar como um *logos*³ que deve ser assumido e seguido pelos cidadãos (SOARES, 2002, p. 231).

Um fator importante que deve ser lembrado é sobre o surgimento do mito, o qual emergiu de uma experiência entre grupos que tentavam interpretar a realidade e os fenômenos da existência. Por isso, era apresentado como verdade, pois estava presente na tradição da população antiga.

Os mitos podem ser considerados como uma memória social, que, de acordo com Meihy (1996, p. 96), “é o conjunto das manifestações de grupos que guardam visões articuladas sobre si e sobre o mundo” e de tradição que garante compreender os comportamentos da espécie humana. Nesse sentido, Marcel Detienne (2002, p. 54) infere que “se o mito significa memorabilidade numa cultura da palavra, então gêneros tão diferentes aos nossos olhos como as genealogias, os provérbios, as teogonias ou os contos são os produtos diferenciados da mesma memória social”.

Dessa forma, todos fazem parte da memória social mas com aspectos diferenciados, pois, quando elencamos a genealogia estamos nos referindo a análise histórica, enquanto os provérbios fazem parte da tradição encontrada na bíblia, e as teogonias estão presentes no conjunto de divindades e nascimento dos deuses, juntamente com os contos baseados em fatos reais ou fictícios. Diante dessa breve explicação, nota-se uma breve semelhança com o mito, mas diferente na memória social que faz parte da cultura.

Entende-se que os mitos são necessários para o indivíduo a sociedade, uma vez que a partir dele o indivíduo aprende sobre sua história, pois “O pensamento mítico consiste em uma forma pela qual um povo explica aspectos essenciais da realidade em que vive: a origem do mundo, o funcionamento da natureza e dos

³ LOGOS (do gr. Legein: falar, reunir) 1. Conceito central da filosofia grega que possui inúmeras acepções em diferentes correntes filosóficas, variando às vezes no pensamento de um mesmo filósofo. Na língua grega clássica equivale a “palavra”, “verbo”, “sentença”, “discurso”, “pensamento”, “inteligência”, “razão”, “definição” etc. Supõe-se que em seu sentido etimológico originário de “reunir”, “recolher”, estaria contido o caráter de combinação, associação e ordenação do logos, que daria assim sentido às coisas (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 121).

processos naturais” (MARCONDES, 2010, p. 20). Por isso, pode ser considerado por muitos como um instrumento, que envolve a cultura da história da humanidade.

O mito deriva do vocábulo grego *mythos*, que significa “discurso, narrativa, rumos, notícia que se espalha, mensagem, conselho” (CHAUÍ, 2002, p. 506). Tanto o *mythos* como o *logos* dizem respeito à palavra, mas com o tempo eles vão obtendo sentidos diversos, pois o mito terá explicação imagética das coisas da natureza e o *logos* é compreendido como uma explicação racional.

Com isso, se quer dizer que numa linha cronológica do surgimento da filosofia há grande importância em diferenciar mito de *logos*, verificar a origem do *mythos* e de *logos*, pois a filosofia acontece tendo em vista uma transição que vai da primeira abordagem para a segunda, ou seja, da linguagem mítica para a linguagem do *logos* dialético. A propósito, o mito tenta explicar alguma coisa que aconteceu no passado, como também organiza legitimando o que é certo ou errado e quem não obedecer será punido, como também compensa o indivíduo por alguma perda.

O mito contém em si, significado normativo, mesmo quando não é empregado expressamente como modelo ou exemplo. Ele não é educativo pela comparação de um acontecimento de vida corrente com o acontecimento exemplar que lhe corresponde no mito, mas sim pela sua própria natureza. A tradição do passado celebra a glória, o conhecimento, o que é magnífico e nobre, e não um acontecimento qualquer (JAEGER, 1994, p. 67).

Compreende-se que o mito sempre fez parte da historicidade da Grécia Antiga, como também, no mundo moderno e na contemporaneidade ocorre uma recriação sobre o mito quando se aborda a ciência e a filosofia.

O encontro entre cultura científica e saberes da tradição é, portanto, urgente e inadiável. Mesmo que pensemos por estratégias distintas, mesmo que compreendamos um mesmo fenômeno de forma diferente e, por isso mesmo, precisamos dialogar e procurar os campos de vizinhança entre esses modos de conhecer (ALMEIDA, 2010, p. 8).

O importante é entender que o indivíduo não joga fora sua história, o passado é importante para construirmos um futuro com reflexão e pensamento no indivíduo na sociedade. Até hoje o mito está presente na sociedade, o qual observamos em várias manifestações, pois não existe vida sem crença.

Ao ser comparada com o saber (epistêmê), a crença (doxa) começa a ser tratada como uma competência cognitiva, para mais, dotada de insuspeita abrangência. Pois, embora seja incapaz de captar a realidade do ser, nem por isso deixa de captar “algo”. Esse “algo”, que se descobre vir a ser a aparência sensível, é aquilo que a crença se refere, através de “opiniões” expressas em proposições (logoi) (SANTOS, 2012, p. 65).

A crença faz parte do cotidiano do indivíduo, muitas coisas relacionadas ao nosso dia-a-dia estão presentes nesse processo.

A crença não tem caráter dogmático nem pretensão universalista. Nesse sentido, uma certa forma de tolerância está inscrita no cerne de uma religião que reveste essencialmente a forma de um culto cívico e político. Todas as práticas sociais na família e no Estado, todos os gestos tanto na vida cotidiana de cada um quanto na solenidade das grandes festas comuns têm uma dimensão religiosa (VERNANT, 2002, p. 73).

Como é citado acima, a crença está presente no âmbito religioso, sendo presente nas práticas das famílias, como o mito que faz parte da cultura do indivíduo, tentando explicar fatos do nosso passado para entendermos nosso presente.

Também não podemos deixar de explicar a importância da poesia na Grécia, sendo considerada o instrumento que narra as histórias de uma comunidade. Por meio dela, os membros da comunidade preservavam a memória querendo alcançar um âmbito reservado aos deuses. E a memória na concepção de Platão é um elemento da nossa alma. Outro ponto importante sobre a poesia é que fazia parte do funcionamento da escola.

[...] quando o aluno aprende a ler e começa a compreender o que está escrito, tal como faziam antes com os sons, dão-lhes em seu banquinho a ler as obras de bons poetas, que eles são obrigados a decorar, preches de preceitos morais, com muitas narrações em louvor e glória dos homens ilustres do passado, para que o menino venha a imitá-los por emulação e se esforce por parecer-se com eles. Do mesmo modo procedemos professores de cítara; envidam esforços para deixar temperantes os meninos e desviá-los da prática de ações más. Depois de haverem aprendido a tocar cítara, fazem-nos estudar as criações de outros grandes poetas, os líricos, a que dão acompanhamento de lira, trabalhando, desse modo, para que a alma dos meninos se aproprie dos ritmos e da harmonia, a fim de que fiquem mais brandos e, porque mais ritmados e harmônicos, se tornem igualmente aptos tanto para a palavra como para a ação. Pois em todo o seu decurso, a vida do homem necessita de cadência e harmonia (Protágoras, 325 e - 326 b).

Nessa citação é apresentado como era esse processo em Atenas, na Antiguidade, explicando que a escola ajudava na formação cultural e de identidade do indivíduo. Por meio das narrativas poéticas, é demonstrando um mundo que não está

ao alcance dos sentidos, um mundo que tenta compreender a vida, a sociedade e seus acontecimentos. Sobre esse pensamento, a obra de Krausz (2007, p. 19) nos mostra que:

Quando os poetas da Grécia antiga tentam descrever tais feitos [...] eles recorrem, sempre a linguagem da magia e do encantamento. Homero refere-se repetidas vezes à canção dos poetas como Thelxis, um poder encantatório capaz de enfeitiçar o ouvinte até mesmo contra sua vontade consciente.

Os gregos atribuíam aos poetas a criação do mito, poetas como Homero e Hesíodo. De acordo com Vernant (2009, p. 16), “Homero e Hesíodo exerceram um papel privilegiado, suas narrativas sobre os seres divinos adquiriram um valor quase canônico, funcionaram como modelo de referência”.

É importante compreender que esses mitos não “vivem” agora como “viviam”, os gregos valorizavam a mitificação, já na modernidade esse processo valoriza mais o ideológico, mas para alguns a mitologia ainda tem lugar de excelência, pois pode ser considerada um tesouro que destaca alegorias poéticas e filosóficas.

Tanto a mitologia como a tragédia grega organizaram e ajudaram a construir o pensamento filosófico que surgiu na Grécia Antiga. Os discursos clássicos de Homero e Hesíodo utilizavam elementos como “origem” e “princípio”. Sobre a “origem”, *arché*, está presente no período pré-socrático postulando um princípio comum a tudo que existe.

Platão compreende que as artes das Musas desempenha papel decisivo no que concerne ao “plasmar das almas”. Este “plasmar das almas” ocorre mediante o emprego de mitos que, por sua vez, desempenham o papel do logos e imiscuem-se na vida da cidade não só no que diz respeito à esfera pública, mas também a esfera privada (SOARES, 2002, p. 194).

De acordo com Reale (1993), antes do nascimento da filosofia os educadores dos gregos foram os poetas, principalmente Homero.

[...] quando o aluno aprende a ler e começa a compreender o que está escrito, tal como faziam antes com os sons, dão-lhes em seu banquinho a ler as obras de bons poetas, que eles são obrigados a decorar, preches de preceitos morais, com muitas narrações em louvor e glória dos homens ilustres do passado, para que o menino venha a imitá-los por emulação e se esforce por parecer-se com eles (Protágoras, 325 e - 326 b).

Nos poemas homéricos, os poetas buscaram alimento espiritual e extraíram modelos de vida, matéria de reflexão, estímulo à fantasia e, portanto, todos os elementos essenciais à própria educação e formação espiritual. Homero era reconhecido por Platão como o maior dos poetas gregos, e o seu maior adversário é descrito na República.

Para Platão, ao contrário dos grandes filósofos da natureza da época pré-socrática, não é o desejo de resolver o enigma do universo que justifica todos os esforços pelo conhecimento da verdade, mas sim a necessidade do conhecimento para a conservação e a estruturação da vida. Platão aspira a realizar a verdadeira comunidade, como o espaço dentro do qual se deve consumir a suprema virtude do homem (JAEGER, 1994, p. 407).

Mesmo Platão em alguns de seus relatos fazendo críticas a poesia, ele afirmava em algumas de suas obras, como o *Fedro*⁴, que a criatividade poética era um dom divino. Demonstrava o estado mental dos poetas como um estado de passividade. “Apesar das transformações sofridas na Grécia Antiga ao longo de sua história, a trindade poeta, homem de estado e sábio permaneceu como eixo central desta cultura” (CURADO, 2010, p. 49).

Diante desse relato, compreende-se que os poetas foram importantes para a história da Grécia Antiga e que Platão não excluía os poetas e sim mostrava a importância da filosofia e o papel dos poetas na educação do homem grego. Assim, o mito é importante para compreendermos nossa história, pois tanto o mito como a poesia foram importantes para o processo educacional, por isso estão presentes nas aulas de filosofia, onde os alunos refletem e aprendem que para nossa atualidade devemos resgatar esses conceitos para aprimorar nosso conhecimento.

2.1 OS PRÉ-SOCRÁTICOS

Dar-se-á a seguir uma discussão sobre o início da filosofia e a contribuição que os pré-socráticos tiveram no pensamento e conhecimento. É importante destacar alguns desses pré-socráticos e sua contribuição para a filosofia não só da antiguidade mas de todo o processo filosófico da história, contribuindo para as reflexões filosóficas no Ensino Médio.

⁴ Fedro - diálogo platônico que trata da investigação sobre a retórica e o amor. Também retrata a importância da transformação pessoal que a filosofia deve operar na alma humana (PLATÃO, 1981, p 04).

A filosofia teve início na Grécia entre os séculos VII e VI a.C. Não tem como analisar a história da filosofia sem compreendermos a filosofia grega que é composta por quatro períodos, são eles:

Período pré – socrático ou cosmológico (do final do século VII ao final do século V a.C.), período em que a filosofia se ocupa fundamentalmente com a origem do mundo e as causas das transformações da natureza. Período socrático ou antropológico (do final do século V e todo o século IV a.C.), quando a filosofia investiga as questões humanas. Período Sistemático (final do século IV ao final do século III a.C.) quando a filosofia busca reunir sistematizar tudo quanto foi pensado pela cosmologia e pelas investigações sobre a ação humana na ética, na política e nas técnicas. Período helenístico ou greco-romano (do final do século III a.C. até o século IV d.C.) Nesse longo período, que abrange a época do domínio mundial de Roma e do surgimento do cristianismo, a filosofia se ocupa sobretudo com as questões da ética, do conhecimento humano e das relações entre homem e a natureza e de ambos com Deus (CHAUÍ, 2006, p. 39).

Ao analisarmos o pensamento da citação acima, percebemos a importância desses períodos para o conhecimento do indivíduo, não só do homem grego, mas de todos. Partindo dessa divisão, nota-se que houveram mudanças de pensamento, de crenças e de relação entre o homem e a natureza. O conhecimento e a inteligência do homem grego nessa época estavam no topo de seu desenvolvimento, contribuindo para a evolução do homem.

A fase inaugural da filosofia é tida com os pré-socráticos, que são considerados os primeiros pensadores que surgiram nas cidades gregas, esse período é compreendido desde Tales de Mileto até o aparecimento de Sócrates.

O período pré-socrático comporta diversos conteúdos e ensinamentos que contribuíram para o processo religioso, poético e histórico, como também a cosmologia e mitologia. Os pré-socráticos tentavam explicar sobre o surgimento do universo a partir daí, enfatizando o surgimento da filosofia partindo dos seus questionamentos.

A grandeza dos primeiros filósofos está no fato, não de como eles deram início a filosofia, mas por terem “formulado questões, problemas e condições da ciência e da filosofia, que permanecem significativas até hoje” (OLIVA; GUERREIRO, 2000, p. 10). Todos os filósofos que releeram os pensamentos dos pré-socráticos usaram de projeções para interpretar os conhecimentos daquela época. Diante disso, é notável a importância desses filósofos, pois é inegável a contribuição de conhecimento que os mesmos nos deixaram.

O primeiro filósofo foi Tales, que também era matemático e físico, começou a pensar filosoficamente sobre a origem, como tudo começou, pensando a partir de um princípio, fundamento (*arché*):

[...] Tales de Mileto, filho de Examias, e Hipão, que parece ter sido ateu, afirmava que água é o princípio, tendo sido levados a isto pelas (coisas) que lhes apareciam segundo a sensação; pois o quente vive com o úmido, as coisas mortas ressecam-se, as sementes de todas as coisas são úmidas e todo alimento é suculento. Donde é cada coisa, disto se alimenta naturalmente: água é o princípio da natureza úmida e é continente de todas as coisas; por isso supuseram que a água é o princípio de tudo e afirmaram que a terra está deitada sobre ela. Os que supõem um só elemento afirmam-no ilimitado em extensão, como Tales diz da água (REGIS, 1996, p. 40 - 41).

Tales mostra que o princípio de tudo deu-se a partir da água, além dele, outros mostraram seu pensamento, como Anaximandro, que utilizou o termo *arkhé*⁵, também chamado de *apeiron*⁶, em que apresentou que o princípio não era a água e sim o *apeiron*, pois tinha uma preocupação com a cosmologia; e Anaxímenes, que afirmava que o ar era a substância primária e, por conseguinte, tudo que existe foi gerado por uma determinada condensação do ar, como a terra toda criada pela compressão do ar.

Xenófanés e Pitágoras também deram sua contribuição, Pitágoras fundou em Crotona sua Escola “a escola pitagórica constitui uma longa tradição na Antiguidade [...] teve, no entanto, inúmeras ramificações, posteriormente confundindo-se com o platonismo e neoplatonismo, devido a influência do pitagorismo em Platão” (MARCONDES, 2010, p. 33). A partir desses estudiosos, o Sul da Itália e a Sicília tornaram a atividade intelectual viva, com Parmênides e Empédocles.

Parmênides é considerado um dos mais importantes filósofos dessa época, fundou a escola eleática, de Eleia. É considerado o filósofo do Ser (*to eon*), precursor da metafísica. De acordo com Kraut (2015, p. 78), “Parmênides afirma que não podemos falar do que não é, nem pensar nem conhecer o que não é; mas qualquer cosmologia verdadeira requer a existência de mudança e requer de nós que sejamos capazes de falar e pensar o que não é”. É importante enfatizar que Parmênides não

⁵ Termo usado pelos pré-socráticos, que designa o princípio presente em tudo, a substância da qual deriva todas as coisas que existem (MACIEL, 2000, p. 16).

⁶ *Ápeiron* – O infinito ou o indeterminado: segundo Anaximandro de Mileto, o princípio e o elemento primordial das coisas. Não é uma mistura dos vários elementos corpóreos, em que estes estejam compreendidos cada um com suas qualidades determinadas, mas é matéria em que os elementos ainda não estão distintos e que, por isso, além de infinita, é também indefinida e indeterminada (ABBAGNANO, 2007, p. 71).

tenta abolir a cosmologia, pois ele a limita à crença ou aparência, em que busca como as coisas aparecem.

Empédocles tenta mostrar seu pensamento partindo do universo, que pode ser entendido como resultado de quatro raízes: “a água, o ar, a terra, o fogo. Essas raízes estão governadas pela isonomia: são ‘iguais’, nenhuma é mais importante, nenhuma mais primitiva, todas eternas e imutáveis” (SOUZA; KUHNE, 1996, p. 35). Partindo de sua reflexão, as raízes permanecem idênticas em si mesmas.

Outro grande filósofo que teve destaque foi Heráclito de Éfeso. Ele é considerado o filósofo do *logos*, indicando a racionalidade do real.

No caso de Heráclito, o voltar-se da alma para seu interior é, ao mesmo tempo, a descoberta do *logos* comum a todos os homens e a todas as coisas. Tal concepção serve de fundo à noção platônica que não separa a emoção da razão, considerando a emoção um grau inferior da razão (SCOLNICOV, 2006, p. 38).

Um outro ponto importante sobre a filosofia de Heráclito está relacionado com a concepção de que:

as coisas não simplesmente se transformavam, elas se transformavam nos seus opostos. O que é quente esfria; o que é vivo morre; [...] essas mudanças radicais em estados contrários são possíveis porque todas as coisas já possuem qualidades contrárias, mesmo quando não mudam (PAPPAS, 2017, p. 33).

Tanto Parmênides como Heráclito representam uma filosofia pré-socrática menos voltada para as questões naturalistas, começando a seguir questões de abstração conceitual, que obteve desenvolvimento com Sócrates, Platão e Aristóteles.

Todos eles tentaram explicar de forma racional o mundo, antes deles haviam explicações míticas descrevendo a história do mundo, pois já existia cosmogonias antes deles na Grécia arcaica.

Descreviam a história do mundo como uma luta entre entidades personificadas. Eram “gêneses” no sentido bíblico do livro do Gênesis, “livro das gerações” destinadas a conduzir um povo a memória de seus ancestrais e a uni-los às forças cósmicas e às gerações dos deuses (HADOT, 2004, p. 43).

As cosmogonias mostravam a criação do mundo, do povo, do homem. É interessante elencar que, mesmo obtendo uma teoria racional do mundo, os primeiros pensadores conservaram as cosmogonias míticas.

As tradições filosóficas foram bastante influenciadas pela cosmogonia, como Platão que demonstra em alguns de seus diálogos como *Timeu*⁷ que introduz Demiurgo, uma figura mítica que mostra o mundo contemplando as Ideias.

Os pré-socráticos foram e são considerados de suma importância para a história da tradição filosófica, é importante entendermos o passado para compreender a contemporaneidade, repensar o Ensino Médio, partindo da análise da antiguidade, para obtermos conhecimento. É nessa perspectiva que podemos pensar na importância de repassar para os alunos como tudo começou na filosofia para que eles reflitam sobre o ensino e o processo de educação filosófica.

2.2 RELAÇÃO ENTRE MITO E FILOSOFIA

Quando tentamos compreender a Grécia Antiga e a história do homem, nos deparamos com o processo mitológico e o início do saber racional que vem partindo da filosofia.

O ser humano está sempre em busca de autoconhecimento, procura o envolvimento com o transcendente para que possa assumir e encontrar sua identidade. Segundo Elíade (1972, p. 11), “conhecer os mitos é aprender o segredo e a origem das coisas, identificar o sentido das coisas, fazendo com que o conhecimento torne-se claro”.

Partindo da análise sobre a importância do conhecimento do mito para construirmos novos conhecimentos, percebe-se que para entender um mito deve-se obter um estudo histórico, antropológico, sociológico e filosófico, pois só o senso comum não basta.

O alvorecer da filosofia mistura suas luzes com o mito, com efeito, analisando uma das proposições fundadoras da filosofia ocidental atribuída a Tales de Mileto, assegurando que “tudo está cheio de deuses” (OLIVA; GUERREIRO, 2000, p. 38),

⁷ Timeu, considerado um dos diálogos de Platão, exposto na forma de um longo monólogo do personagem-título, sendo escrito em 360 a.C. Aborda a natureza do mundo físico e os seres humanos (KAHN, 2007, p. 80 - 81).

mostrando, assim, a quase ausência de fronteiras entre o pensamento mítico radicado na mentalidade grega e o pensamento filosófico.

Ao se analisar as obras de Platão, percebe-se que parte delas tinham mitos que ajudavam no seu embasamento, passando importantes ensinamentos para o indivíduo, por isso é indispensável entender o que é um mito, como ele era utilizado na Grécia Antiga e qual a sua relação com a filosofia.

Mitos são narrativas de fundo histórico que preservam seu aspecto pedagógico de forma alegórica e metafórica. Platão construiu mitos para simbolizar sua metafísica, epistemologia, dialética, mística e ética.

Platão recorre ao mito em vários diálogos, para tratar de problemas cruciais de sua filosofia. Diante da sistemática confiança que ele deposita no método dialético, não é sem propósito perguntar para que servem os mitos platônicos e com que objetivo o filósofo os utiliza (BARROS, 2008, p. 25).

Platão refletia e produzia mitos, pois faziam parte de seus diálogos. Compreende-se que o mito é considerado construção de textos, articulação, narrativa, comparações, metáforas, que pode ser entendido como conjunto de recursos que produzem a materialidade textual. Diante desse cenário, percebe-se a importância de estudar sobre os mitos na filosofia, pois faz parte da nossa historicidade. Segundo Reale (1993, p. 43), “é o mito que expressa Platão em sua totalidade”.

Nesse sentido, o mito é considerado uma forma de linguagem, com representações e função cognitiva que se desencadeia na filosofia. A filosofia está entre a eficácia mítica e o pensamento racional.

Assim, de acordo com Aristóteles, sobre as origens e o pensamento filosófico há uma relação de amizade entre mito e filosofia “também aquele que ama o mito é, de certo modo, filósofo” (Metafísica, A 2, 982 b 18).

Na obra *A República*, Platão ilustra o mito como forma de educação básica, que é justificada pela ginástica para o corpo e música para a alma. A música que é compreendida pelos dons das musas.

Platão utilizava o mito como “recurso”, pois com ele explicava questões sobre o conhecimento. É importante lembrar que, para ele, o filósofo critica os sofistas por tentarem persuadir através do mito e não instruir. Aristóteles, em uma passagem célebre da *Metafísica* (I, 982 b), aborda a semelhança entre o *filómite* e o *filósofo*:

“...quem ama o mito é, de certa maneira, filósofo...”. O mito ao mesmo tempo que expõe o conhecimento também produz conhecimento.

Na criação do pensamento do homem está presente o mito e a racionalidade, ou seja, o conhecimento mitológico que pode ser elucidado por figuras e a base racional compreendido por conceitos, fazendo parte do processo de formação do conhecimento filosófico. Compreender historicamente este processo do surgimento do pensamento racional entre os gregos é decisivo para entender o desenvolvimento da cultura da civilização ocidental.

É de suma importância entender que a filosofia não nasce do rompimento com o mito, mas da passagem do próprio pensamento.

O verdadeiro substrato do mito não é de pensamento, mas de sentimento. O mito e a religião primitiva não são, de maneira alguma, totalmente incoerentes, nem destituídos de senso ou de razão; mas sua coerência depende muito mais da unidade de sentimento que de regras lógicas. Esta unidade é um dos impulsos mais vigorosos e profundos do pensamento primitivo. Se o pensamento científico desejar descrever e explicar a realidade será obrigado a empregar seu método geral, que é o de classificação e sistematização. A vida é dividida em províncias separadas, que se distinguem nitidamente uma da outra. As fronteiras entre os reinos das plantas, dos animais, do homem — as diferenças entre as espécies, famílias e gêneros — são fundamentais e indelévels. Mas a mente primitiva ignora e rejeita todas elas. Sua visão da vida é sintética e não analítica; não se acha dividida em classes e subclasses. É O mito e o nascimento da filosofia percebida como um todo interrupto e contínuo, que não admite distinções bem definidas e incisivas. Os limites entre as diferentes esferas não são barreiras intransponíveis, mas fluentes e flutuantes. Não existe diferença específica entre os vários reinos da vida. Nada possui forma definida, invariável, estática: por súbita metamorfose qualquer coisa pode transformar-se em qualquer coisa. Se existe algum traço característico e notável do mundo mítico, alguma lei que o governe — é a da metamorfose. Mesmo assim, dificilmente poderemos explicar a instabilidade do mundo mítico pela incapacidade do homem primitivo de apreender as diferenças empíricas das coisas. Neste sentido, o selvagem, muito frequentemente, demonstra sua superioridade em relação ao homem civilizado, por ser suscetível a inúmeros traços distintivos, que escapam à nossa atenção (CASSIRER, 1972, p. 134).

O autor leva a discussão ao caráter objetivado do pensar a linguagem, a arte e o científico, apontando o papel que desempenha o mito e mostrando o caráter primitivo e as mudanças da natureza e o caráter moderno.

Nesse capítulo, apresentou-se questões que mostram a importância de compreender o mito, a crença e a poesia relacionada com a paidêutica, que fizeram parte da Grécia Antiga. Também elencou-se a origem da filosofia, partindo dos pré-socráticos, fazendo ligação entre mito e filosofia. Compreende-se que um enriquece o outro, pois os dois apresentam saberes que enriquecem o indivíduo.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DE PLATÃO

Este capítulo apresenta o contexto histórico de Platão, mostrando um pouco da sua vida e contribuição com a filosofia. Também é feito um pequeno relato sobre a obra *A República* e é abordado o ponto central da pesquisa, que é pensar e refletir filosoficamente no Ensino Médio partindo do *Mito da Caverna*, onde propicia uma mudança de pensamento sobre a filosofia e sua contribuição na educação. Para finalizar o capítulo, é feita uma abordagem estabelecendo um paralelo entre a Paideia grega e a Paideia (Educação) contemporânea no Ensino Médio.

Platão nasceu em Atenas, no ano de 427 a. C. Fazia parte de uma família nobre e recebeu uma educação clássica, como todos os jovens atenienses de sua época. Desde a sua infância, esteve envolvido com a política. “Vivenciou uma parte do período áureo e sua crise da democracia ateniense. Sempre foi crítico e questionador da política e vida do povo grego” (KRAUT, 2015, p. 20).

Tornou-se discípulo de Sócrates aos 20 anos, nessa época começou a questionar a educação e o modo de vida a que foi submetido.

Fundou sua própria escola filosófica, a Academia, nos jardins construídos por seu amigo Academus. Essa escola foi uma das primeiras instituições permanentes de ensino superior do mundo ocidental. Uma espécie de universidade pioneira dedicada à pesquisa científica e filosófica, além de se tornar um centro de formação política (COTRIM, 2002, p. 77).

De acordo com Platão, a democracia não é capaz de garantir a isonomia e a igualdade de direitos dos cidadãos, por isso sua filosofia aborda a política, com relação a democracia ateniense, ele assume uma postura negativa, pois o governo democrático põe em risco a instituição e a moral. Para ele a melhor forma de governo era a aristocracia que seria por mérito. Na *Carta VII* (324 b, 325 a), escreve:

Quando eu era jovem, tive o mesmo sentimento que muitos outros rapazes. Queria entrar para a política logo que pudesse dispor de mim mesmo. Ora, eis em que estado encontrei então os negócios da cidade. O regime político existente era abominado por muitas pessoas; ocorreu uma revolução. Tomaram a frente desta 51 cidadãos e foram estabelecidos como chefes, onze na cidade, dez no Pireu [...], mas trinta constituíram a autoridade superior e gozavam de um poder absoluto. Vários deles eram meus parentes e conhecidos [...]. Acreditava ingenuamente que eles administrariam a cidade de tal modo que, arrancando o Estado a uma existência injusta, o conduziram para o caminho da justiça; e observava ansiosamente o que eles iriam fazer. Ora, vi esses homens fazerem com que a ordem antiga parecesse uma idade de ouro. Entre outras coisas, quiseram que meu caro e velho amigo Sócrates, que não temo proclamar como o homem mais justo de seu tempo, se juntasse a alguns outros, encarregados de procurar um cidadão e leva-lo à força para ser executado, com a finalidade evidente de fazer Sócrates, quisesse ele ou não, cúmplice das suas ações. Mas Sócrates recusou-se a obedecer e preferiu correr os piores perigos a associar-se aos seus crimes.

Platão herda a prática de questionar, perguntar, responder e compreender a partir de discussões que acarretaram várias reflexões, todos esses procedimentos foram transformados em método dialético, sempre utilizando a conduta pedagógica e moral de Sócrates.

Nas suas obras estão presentes os diálogos e, frequentemente, Sócrates assume o papel principal, convidando os participantes dos diálogos a refletirem sobre vários conhecimentos. Assim, transforma os diálogos em momentos de sabedoria para todos que deles desfrutam.

Platão teve interesse pela filosofia desde cedo. De acordo com alguns relatos, foi motivado por Heráclito de Éfeso. Durante sua juventude, estudou o pensamento pré-socrático, mas o encontro com Sócrates representou o apogeu de seu aprendizado. Platão criou uma Escola, onde surgiram vários intelectuais na Grécia, sendo um deles Aristóteles.

A filosofia platônica, tentava solucionar problemas sobre o conhecimento, sua origem, como também, sobre as ideias. Essas investigações estão presentes nos diálogos platônicos que podem ser observados por alguns especialistas através de uma ordem cronológica: diálogos da sua juventude, da maturidade e da velhice. Paviani (2008, p. 18) adota a classificação mais comum da obra platônica:

- a) Diálogos da juventude: *Hípias Maior, Hípias Menor, Laques, Apologia de Sócrates, Íon, Alcibíades I, Alcibíades II, Criton, Eutídemus, Lísias, Cármides, Eutrífon, Ménon, Górgias, Protágoras, Clitofon;*
- b) Diálogos elaborados na maturidade, num primeiro grupo: *Menexêno, Crátilo, República, Fedro, Fedon, Banquete e, num segundo grupo: Teeteto, Parmênides, Sofista, Político;*
- c) Diálogos escritos em idade avançada: *Filebo, Timeu, Critias, Leis, Hiparco, Teages e Epinomis.*

O primeiro grupo, os diálogos da juventude, está inserido na aplicação da metodologia elêntica, obras que são consideradas breves, que demonstram o local do debate, os participantes, tendo uma introdução dramática. Por sua vez, o segundo grupo é considerado o dos diálogos da maturidade, no qual ele tenta demonstrar a teoria das formas, como também a política. Já no terceiro grupo, que é considerado o da idade avançada, ele faz uma revisão a teoria das formas, sendo *As Leis* sua última obra.

Partindo dessa divisão nos diálogos de Platão, fica mais fácil entendermos seu pensamento, que foi sendo transformado a cada época vivida por ele. “Muitos filósofos escreveram sobre tratados, analisando problemas, arguindo outras posições e estabelecendo suas próprias soluções. Platão não: ele escreveu diálogos” (WILLIAMS, 2000, p. 58).

Destacando a filosofia do diálogo de Platão, observa-se a presença de vários mitos em suas obras, os quais o ajudaram a chegar a determinadas verdades. Para Platão, Sócrates era justo e sábio, era sua inspiração. Dessa maneira, utilizou seus ensinamentos para obter a investigação racional e compreender o conhecimento sobre o mundo, a natureza humana, como também, aplicar esse conhecimento para a melhoria da vida humana.

Nos indagam: – por que Platão? Porque ele faz parte do conhecimento filosófico e teórico, é um filósofo inesgotável, na sua leitura encontramos textos de fácil e difícil compreensão. Embora nem sempre seja fácil ler Platão, é necessário para entender a filosofia na antiguidade até a filosofia na atualidade. Sua filosofia não está nos problemas que ele investiga, mas como pensava esses problemas.

De acordo com Taylor (2010, p. 87), “Platão debruçou-se sobre os mais diferentes e variados temas em seus diálogos, nos quais aparece a figura de Sócrates questionando outros filósofos, intelectuais e cidadãos para fornecer respostas, definindo coisas e fenômenos”, constituindo a atividade numa prática de maiêutica, de

modo que tais respostas eram consideradas rebentos de pessoas que estavam “grávidas” de conceitos e, assim, eram auxiliadas a “dar à luz” ao seu conhecimento.

O método dialético é o único que rejeita as hipóteses para atingir conclusões, e que puxa brandamente o olho da alma do lamaçal bárbaro em que vivia atolado, a fim de dirigi-lo para cima, empregando para essa conversão as mencionadas artes, como auxiliares e cooperadoras (A República, 537 d).

O método dialético que era utilizado por Platão conduz o interlocutor a descobrir a verdade, com isso, o indivíduo tem consciência de si mesmo. Sempre conduzia com maestria os diálogos para que se chegasse ao sentido essencial daquilo que era discutido.

O diálogo era considerado um aprendizado de caráter educativo. Na Academia de Platão, mestres e discípulos exercitavam o diálogo, em que aprimoravam seu pensamento, cultivando a liberdade nos diálogos para obter a verdade. Platão apostava em uma filosofia que instigasse o desejo de conhecer e refletir sobre a vida social e a prática.

Sua filosofia não consiste em construir um sistema teórico da realidade em “informar” imediatamente seus leitores escrevendo um conjunto de diálogos que expõe metodicamente esse sistema, mas consiste em “formar”, isto é, em transformar os indivíduos, fazendo-os experimentar, no exemplo do diálogo ao qual o leitor tem a ilusão de assistir, as exigências da razão e, finalmente, a norma do bem (ROGUE, 2011, p. 87).

O seu pensamento faz parte da nossa cultura e civilização, porquanto, é importante para entendermos vários questionamentos relacionados a educação, política, moral, religião, entre outros. Um fato importante é que compreendemos que a filosofia envelhece, mas a leitura dos filósofos antigos continua imprescindível. Ler textos e repensar as questões de filósofos como Platão é encantador.

Até os dias atuais, o pensamento de Platão desafia seus pesquisadores, pois obtemos várias interpretações de suas obras, principalmente no que se refere à educação e sua importância para a construção da cidadania e de uma sociedade democrática. Por isso, a importância e a necessidade de nos debruçarmos sobre os seus ensinamentos, para buscar respostas para algumas problemáticas no âmbito educacional vinculada a contextualização histórica e ao contexto contemporâneo.

3.1 BREVE RELATO DA OBRA A REPÚBLICA DE PLATÃO

A *República* de Platão é considerada uma das obras mais importantes que ele produziu, a qual dedicou vários anos da sua vida. Nessa obra estão presentes vários temas como a justiça e a política. O nome da obra de início não era *A República*, de acordo com Casertano (2011, p. 30), “o título grego original, nome com o qual nos foi legado, era *politeia*, que significa ‘regime político’, ‘forma de governo’ de uma cidade”.

A obra evidencia a cidade com uma boa administração, onde tenta compreender a cidade e o indivíduo, partindo de debates entre vários personagens importantes para o enriquecimento da obra.

Na República, como no Górgias e no Protágoras, Platão critica a democracia de sua época, especialmente a corrupção e a incompetência, o número excessivo de leis, a retórica vazia e a falta de critérios nas assembleias. Reconhece que é difícil modificar o comportamento dos tiranos. E, finalmente propõe um novo modelo de governo, não com o objetivo de entregá-lo aos filósofos, mas aqueles que escolhidos para governar, tenham as qualidades de um filósofo (PAVIANI, 2003, p. 13 - 14).

A obra é dividida em 10 livros, organizados em forma de diálogos, tendo Sócrates como o personagem central. Podem ser destacados também, além da política e justiça, outros problemas que enriquecem a obra: “É também um tratado de reforma educativa, de teoria estética e de psicologia social, de problemas metafísicos e éticos, em que se destaca o papel da dialética em relação às funções da alma e à teoria das ideias ou formas” (PAVIANI, 2003, p. 16).

Quando retornamos a República, encontramos o interlocutor Sócrates dando definições de justiça [...], ele esboça um ambicioso programa de estudo, o qual nos levará do mundo irreal dos objetos sensíveis e terminará por culminar no entendimento da forma do bem e na unificação de todas as esferas do conhecimento (KRAUT, 2015, p. 21).

Assim como em quase todas suas obras Platão atribui à Sócrates o papel de protagonista, nesta não foi diferente. Nesse sentido, de acordo com Batista (2016, p. 584), “Platão descreve Sócrates como o inquiridor do conceito ou da definição, já que suas questões estão direcionadas para se chegar àquilo que as coisas são, o que significa conceituar ou definir”. Desse modo, pode-se dizer que:

o diálogo socrático de Platão é uma obra literária indubitavelmente baseada num sucesso histórico: no fato de Sócrates ministrar os seus ensinamentos sob a forma de perguntas e respostas. É que ele considerava o diálogo a forma primitiva do pensamento filosófico e o único caminho para chegarmos a nos entender com os outros. E era este o fim prático que ele visava. Platão, dramaturgo inato, já escrevera tragédias antes de entrar em contato com Sócrates. A tradição afirma que ele as queimou todas, quando, sob a impressão dos ensinamentos deste mestre, dedicou-se à investigação filosófica da verdade. Mas, quando, após a morte de Sócrates, resolveu manter viva, a seu modo, a imagem do mestre, descobriu na imitação artística do diálogo socrático a missão que lhe permitiria colocar o seu gênio dramático a serviço da filosofia. (JAEGER, 1994, p. 501 - 502).

A dialética é o método bastante enfatizado em toda a obra. No livro I, todo o diálogo está voltado sobre a pergunta o que é a justiça? Os livros II e III continuam o debate em torno da pergunta, destacando também a formação do Estado. Já no livro IV há uma explicação sobre a relação entre cidade e cidadão.

Nos livros V, VI e VII é dado ênfase à educação dos guardiões: “[...] preparar os guardiões para governarem como filósofos, dada sua existência na cidade platônica, ou como preservar a sua existência de uma cidade que podemos reconhecer como perfeita [...]” (PAPPAS, 2017, p. 138). Nesse trecho, explica que a educação dos mesmos deve superar o limite do cotidiano, que pode ser considerado o mundo sensível, para que eles cheguem a ideia do Bem e assim governarão com justiça.

No livro VII é narrado o *Mito da Caverna* e a compreensão do mundo sensível e inteligível. E nos livros VIII e XIX é descrito o surgimento da tirania e a decadência da cidade.

Já no livro X, Platão comenta sobre a poesia, fazendo algumas críticas. Ele diz que “a poesia imita a aparência” (595 b - 602 c), apesar das críticas percebe-se que ele não está interessado em censurar a poesia e sim em mostrar seu interesse por descobertas sobre imitação poética, como também eleva a filosofia como instrumento importante para a educação.

Partindo dessas pequenas explicações sobre os capítulos introduzidos na obra *A República*, percebe-se que o ser humano está presente sempre como um ser social, e a educação está presente sempre ao lado da justiça, pois pensava em uma cidade ideal.

Por todos esses elementos acima citados, essa obra é considerada uma das mais importantes de Platão, sua riqueza está em todos os temas abordados em forma

de diálogo, quando formula um modelo ideal de cidade que deve ser justa, depois elenca assuntos importantes para o próprio conhecimento humano.

3.2 PENSAR E REFLETIR FILOSOFICAMENTE NO ENSINO MÉDIO PARTINDO DO MITO DA CAVERNA

Compreende-se que a filosofia tem papel fundamental no Ensino Médio, pois tem importante colaboração no aprendizado do aluno, proporcionando análise crítica e reflexão sobre o ser e o mundo. Por isso a importância de pensar e refletir a filosofia na atualidade.

A filosofia pensa no que ocorreu e no que está acontecendo no mundo e pensa na realidade de modo profundo e sistemático. Segundo Esquisani (2001, p. 19),

O estudo da filosofia, enriquece a imaginação intelectual da pessoa e faz diminuir a arrogância dogmática. Sobretudo, porque engrandece o espírito, tornando-o capaz de perceber a multiplicidade de pontos de vista e articulações possíveis entre os mesmos, ajudando-o a compreender que o caminho é um processo.

Por isso, a importância do ensino de filosofia, pois desafia o professor a proporcionar uma aprendizagem prazerosa com atividades que desconcertem o aluno e o leve a conhecer, pensar e construir seu próprio conhecimento. O professor deve compreender a proposta filosófica educacional para despertar os alunos ao filosofar, apresentar aos alunos a importância da reflexão e compreensão acerca da sociedade. A escola ajuda nesse processo de transformação do indivíduo, pois não repassa para os alunos só conhecimentos disciplinares, mais sim conhecimentos que o ajudarão na sua formação de vida.

Para ajudar nesse processo filosófico, é importante nos determos às obras platônicas, em especial *A República*. Desse modo, com exceção de *As Leis*⁸ (PLATÃO, 1999a), obra de Platão que não foi finalizada pois já se encontrava na velhice, *A República* é considerado o mais longo trabalho escrito por Platão e um dos mais estudados. Nessa obra existem questões sobre metafísica, conhecimento, educação e política. Ela é considerada como uma idealização de uma cidade perfeita,

⁸ Obra de Platão que tem como finalidade, compreender as leis, faz uma explicação dos principais argumentos do diálogo. Abordando o lugar que o último diálogo de Platão ocupa na história do pensamento político (BRISSON; PRADEU, 2006, p. 5).

onde todos os cidadãos participavam, pois tratava-se de uma cidade justa habitada por cidadãos justos.

Revela-se, então, a importância de estudar obras clássicas como *A República*, que é retratada nas palavras de Chauí (2002, p. 223) ao escrever que “[...] uma obra é grande quando, de seu próprio interior, suscita uma multiplicidade de leituras e interpretações criando uma posteridade”. É nas leituras, observações, refutações e comentários relacionados à obra platônica que reside sua riqueza, uma obra escrita há mais de mil anos até hoje influencia pensadores e estudiosos.

Platão em vários de seus diálogos recorre ao mito, abordando vários problemas e o método dialético. Este trabalho tem como destaque *O Mito da Caverna*, que foi escrito por Platão no livro VII de *A República*. Trata-se de um diálogo metafórico em que as falas na primeira pessoa são de Sócrates, e seus interlocutores, Glauco e Adimanto, são os irmãos mais novos de Platão. No diálogo entre Sócrates e Glauco ele demonstra as características de quem habitava a caverna:

[...] Uma vez que os filósofos são aqueles que são capazes de atingir aquilo que se mantém se perder no que é múltiplo e variável, não são os filósofos, qual das duas espécies deve ser chefe da cidade? - Que hei-de eu dizer para dar uma resposta adequada? - Que aquele dentre os dois que parecer capaz de guardar as leis e costumes da cidade, esse mesmo seja nomeado guardião. - Exatamente - corroborou ele. - Acaso não é evidente - prosseguiu eu se deve ser um cego ou uma pessoa de visão clara que fica de atalia a tomar conta do que quer que seja? - Como não havia de ser evidente? (*A República*, 484 b).

Ele demonstra que o filósofo é capaz de atingir a filosofia e governar a cidade. Platão utilizou uma linguagem mítica. No texto, Sócrates solicita que Glauco imagine um muro bem alto separando um mundo externo de uma caverna, na caverna existe uma fresta por onde passa um feixe de luz exterior.

Sócrates – Suponha ainda ao longo daquele pequeno muro homens que carregam todo tipo de objetos que aparecem por sobre o muro, figuras de animais e de homens de pedra, de madeira, de todos os tipos de forma. Alguns dentre os homens que as carregam, como é natural, falam, enquanto outros ficam calados (PLATÃO, 2017, p. 237).

No interior da caverna existem seres humanos que nasceram e cresceram ali, esses seres humanos ficam sempre de costas para a entrada, acorrentados, sem poder mover-se, forçados a olhar o fundo da caverna, de onde são projetadas sombras de outros homens, e onde mantêm acesa uma fogueira.

Seres humanos comuns, intocados pela educação filosófica, encontram-se agrilhoados como prisioneiros em uma caverna e forçados a vislumbrar através das sombras criadas pela luz artificial e lançadas por artefatos reunidos em sequência por manipuladores que não são vistos (514a - 519a). Sua concepção do que existe e do que tem valor é tão severamente limitada e tão sistemático é o engano pelo qual são vitimados, que eles não podem nem mesmo reconhecer que estão confinados, razão pelo qual não veriam de imediato uma interrupção em seus modos rotineiros de pensar como libertação (KRAUT, 2015, p. 78).

No diálogo, Platão sugere que um destes homens consiga se libertar e então perceba sua situação, passando a enxergar os objetos externos e também as projeções que refletem a imagem no muro. Aos poucos vislumbrou um mundo com natureza, imagens, diferente do que conhecia.

Figura-te agora o estado da natureza humana, em relação à ciência e à ignorância, sob a forma alegórica que passo a fazer. Imagina os homens encerrados em morada subterrânea e cavernosa que dá entrada livre à luz em toda extensão. Aí, desde a infância, têm os homens o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem imóveis e só veem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar o rosto. Atrás deles, a certa distância e altura, um fogo cuja luz os alumia; entre o fogo e os cativos imagina um caminho escarpado, ao longo do qual um pequeno muro parecido com os tabiques que os pelotiqueiros põem entre si e os espectadores para ocultar-lhes as molas dos bonecos maravilhosos que lhes exibem. (...) Pois agora, meu caro GLAUCO, é só aplicar com toda a exatidão esta imagem da caverna a tudo o que antes havíamos dito. O antro subterrâneo é o mundo visível. O fogo que o ilumina é a luz do sol. O cativo que sobe à região superior e a contempla é a alma que se eleva ao mundo inteligível. Ou, antes, já que o queres saber, é este, pelo menos, o meu modo de pensar, que só Deus sabe se é verdadeiro. Quanto à mim, a coisa é como passo a dizer-te. Nos extremos limites do mundo inteligível está a ideia do bem, a qual só com muito esforço se pode conhecer, mas que, conhecida, se impõe à razão como causa universal de tudo o que é belo e bom, criadora da luz e do sol no mundo visível, autora da inteligência e da verdade no mundo invisível, e sobre a qual, por isso mesmo, cumpre ter os olhos fixos para agir com sabedoria nos negócios particulares e públicos (PLATÃO, 2004, p. 287 - 291).

Como cita Chauí (1994, p. 260), “Platão narra um parto: o parto da alma que nasce para a verdade e é dada à luz”. Diante dessa descoberta, o indivíduo que conseguiu se libertar vive uma situação de dúvida, se volta ou não para avisar aos outros. Segundo Platão (2004, p. 94), “se ele voltar e revelar o que viu correrá sérios riscos, desde ser ignorado, até ser morto por eles, que o tomarão por louco e inventor de mentiras”.

A sabedoria platônica consiste em atingir a plena visão do sol. Mas isso, longe de ser fácil, supõe um processo de acesso lento e doloroso, de libertação progressiva das cadeias do mundo das sombras. Quando um deles é libertado é compelido repentinamente a parar de pé e voltar-se a caminhar e olhar para a luz (BORNHEIM, 2010, p. 79).

Assim, analisando o mito da caverna de Platão, quando o prisioneiro se “liberta da caverna”, o que na verdade ele está fazendo é buscar a natureza da verdadeira realidade que o conduz, assumir riscos é importante para alcançar a sabedoria, pois passará por um processo de verdadeiro conhecimento, por não se contentar com uma suposta verdade que lhe foi imposta durante toda a vida. É esta “chama” da busca do conhecimento que não deve ser apagada jamais. “Saber em que mundo se vive permite que se viva nele de outra maneira, como homem livre e não mais como prisioneiro manipulado pelos exibidores de marionetes. Mas é ainda mais difícil anunciar a boa nova da libertação” (JEANNIERE, 1995, p. 90).

O retorno à caverna parece, como sugere Silva (1993), estar inscrito no próprio espírito político da filosofia, que obriga o filósofo a voltar e mesmo que seja tratado como um estranho deve buscar diálogo com os demais, neste sentido aparece inscrito um espírito de coletividade no ato de filosofar porque aquele que saiu da caverna deve agora retornar e coletivizar a sua experiência.

O prisioneiro que se escapou da caverna onde só contemplava sombras e que chegou à clara luz do dia, à visão da realidade, não deve guardar as suas descobertas só para si, não pode deixar de voltar atrás, deixar de descer à caverna, deixar de trazer aos outros prisioneiros, menos favorecidos pela sorte, um reflexo da luz que ele contempla (KOYRÉ, 1963, p. 101).

Ainda que possa não ser compreendido ou até morto, pois alguns podem achar que ele esteja louco, mas esse retorno pode ser considerado como um dever, porque mesmo que lhe tirem a vida, não poderiam tirar dele o que foi conquistado: o conhecimento e a verdade acerca das coisas.

No *Mito da caverna*, em uma abordagem gnosiológica, Platão divide em duas realidades: a sensível, que se percebe pelos sentidos, e a inteligível (das ideias). O primeiro é o da imperfeição e, o segundo encontraria toda a verdade possível para o homem. O indivíduo que consegue desvincular-se dos sentidos e vislumbrar as ideias, será capaz de conhecer algo para Platão. Pois é nas ideias que está o verdadeiro conhecimento (*episteme*), onde vislumbramos não mais as aparências e sim a forma das coisas.

Para compreender essas duas esferas, o Quadro 1 apresenta um paralelo sobre o sensível e o inteligível.

Quadro 1 - Paralelo sobre o sensível e inteligível

Sensível	Inteligível
<ul style="list-style-type: none"> • Luz • Artefatos da visão (cores) • Competência da visão 	<ul style="list-style-type: none"> • Verdade • Objetos do conhecimento (ideias) • Capacidade de Conhecimento

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com o pensamento de Platão, a reflexão filosófica segue um caminho próprio, baseado na teoria do conhecimento. Esse caminho é denominado de dialética, que pode ser compreendida no processo do mundo sensível que está inserido na opinião (*doxa*) para o mundo inteligível onde está inserida a ciência (*episteme*). O ser humano deveria procurar a verdade para conseguir atingir o bem maior para sua vida.

Dessa forma, tem-se os seguintes aspectos:

O sensível é o plano da realidade que compreende os seres sensíveis, que são as coisas sensorialmente perceptíveis; trata-se do reino da multiplicidade, pluralidade, efemeridade, corruptibilidade, mobilidade, impermanência, do devir ou vir-a-ser, tal como defende o pensamento heracliteano. O inteligível, que do mundo sensível é uma cópia imperfeita, é constituído pelos seres inteligíveis, que são as formas ou as ideias, que só se percebem intelectualmente; consiste no domínio da unidade, unicidade, eternidade, incorruptibilidade, fixidez, permanência, do ser, em consonância com a filosofia parmenideana (BATISTA, 2016, p. 586 - 587).

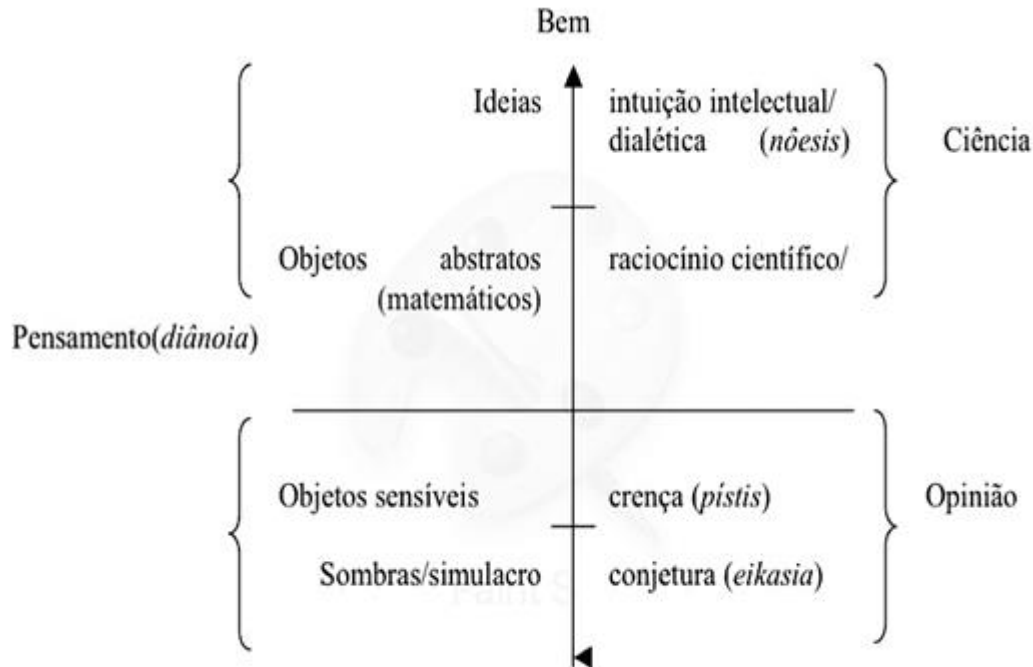
A dialética contempla a intuição intelectual, ideias verdadeiras e a ideia do bem, ela nega o que o indivíduo representa como mera opinião, pois almeja um conhecimento superior que pode ser encontrado no inteligível ou na contemplação das ideias.

No limite do cognoscível que se avista, a custo, a forma do Bem; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é causa de tudo quanto é justo e belo; que, no visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para se ser sensato na vida particular e pública (PLATÃO, 2004, p. 181).

É necessário a busca do Bem, em que o pensar possa ter um caráter mais divino, sem perder sua força. Partindo dessas explicações, é importante analisarmos

na Figura 1 o mundo sensível e o inteligível, para compreender o esforço que a alma aplica na busca do Bem.

Figura 1 - Diagrama sobre o inteligível e o sensível



Fonte: PAGNI; SILVA (2007, p. 47).

No esquema acima, observamos o sensível onde o indivíduo conheceria as imagens (*eikasía*⁹) projetadas por sombras e, no segundo nível do sensível, estão os objetos que circundam o indivíduo, relacionado com os sentidos e representado por crenças (*pístis*¹⁰).

No inteligível os objetos do conhecimento científico eram representados não mais pelos olhos ou sentidos, mas pelo pensamento (*dianôsis*¹¹), que não depende de sensações e percepções, onde observamos os objetos abstratos como a

⁹ *eikasía* - "*eikasía*" é uma palavra da mesma raiz de "*eikón*" (imagem, ícone), indica aquelas coisas que são apreendidas numa percepção de segunda mão, isto é, são as imagens de uma coisa sensível, como os reflexos no espelho ou na água, pinturas, esculturas, imagens na memória. Este primeiro nível costuma ser traduzido por *imaginação*, com o sentido de imagem que é cópia da coisa sensível (CHAUÍ, 2002, p. 51).

¹⁰ *pístis*, *doxa* - A *pístis* (fé) ou a *doxa* (opinião), isto é, a confiança que depositamos na sensação e na percepção. É um conhecimento necessário para o uso da vida, tendo por objeto as coisas naturais, os seres vivos, os artefatos, etc. É a opinião acreditada sem verificação, conhecimento passivamente aceito por nós pelo testemunho de nossos sentidos, nossos hábitos, costumes nos quais fomos educado (CHAUÍ, 2002, p. 88).

¹¹ *Dianóia* (grego: *διάνοια*) termo usado por Platão para designar um tipo de conhecimento, que poderiam ser de assuntos matemáticos e técnicos. Também considerada capacidade, para o pensamento discursivo (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 74).

matemática, que não consiste em imitações mas sim em pensamento. Sobre as ideias contempladas, elas estão relacionadas com a intuição intelectual e o pensamento dialético (*dianôsia*), este processo desvenda a verdade do conhecimento humano.

Platão tenta, a partir dos seus escritos, adequar a realidade do indivíduo com o conceito que ele expõe, facilitando o acesso ao conhecimento, como observa-se no *Mito da Caverna*.

Platão *apud* Heidegger (1996, p. 102) relata que:

O mito da caverna nos abre os olhos sobre o que, na história da parte da humanidade que recebeu a influência ocidental, constitui agora e constituirá ainda no futuro o acontecimento propriamente histórico. De acordo com a definição de verdade como exatidão da representação, o homem pensa tudo o que é segundo as ideias e aprecia toda realidade segundo os valores. O que de fato importa, o que é realmente decisivo, não é saber quais ideias e quais valores são estabelecidos e aceitos, mas antes, que, de um modo geral, o real é interpretado segundo ideias, e que é avaliado segundo valores.

Em nossos dias, muitas são as cavernas em que nos envolvemos e pensamos ser a realidade absoluta, muitos jovens demonstram em sala de aula algumas destas cavernas ao expressar seu pensamento sobre o sistema político atual, notícias que surgem na mídia, direitos e deveres entre outros.

O mito platônico socorre-se de ações e personagens. Tudo indica que sua intenção é pedagógica, pois o mito, no fim ou no meio de um diálogo, serve para esclarecer os interlocutores e permitir concentrar a reflexão no essencial. Além disso, o mito platônico não apresenta nenhuma conclusão moral. Sua eficácia está em expressar de outro modo o que é demonstrado dialeticamente (PAVIANI, 2008, p. 91).

O *Mito da caverna* aplicado em sala de aula no Ensino Médio pode resultar em boas reflexões que se transformam em debates acerca de situações do cotidiano, em que o sensível (a caverna) é comparado às situações da sociedade atual, como: a manipulação dos meios de comunicação, o desrespeito aos direitos humanos, à política brasileira, entre outros. Além disso, com este *Mito* é possível também promover debates, apresentações, produções de textos com temas que são de suma importância para sociedade.

Quando se destaca as cavernas da contemporaneidade, dá-se ênfase às redes sociais e televisão, que fazem parte dos meios de comunicação e que muitas vezes demonstram uma realidade que não existe, um mundo imaginário, prejudicando a

descoberta do verdadeiro ser. Por isso, é importante compreender essas cavernas para evitar a manipulação.

Explicar sobre os meios de comunicação partindo da filosofia e do *Mito da Caverna* é importante para que cada um saiba como esse tema é uma poderosa ferramenta de mediação no âmbito educacional, pois a comunicação faz parte do convívio com o outro. “Educar é, fundamentalmente, um processo de comunicação entre pessoas, mediando por tecnologias, simples, comuns (voz, escrita) ou tecnologias audiovisuais (vídeos, redes, internet)” (MORAN, 1995, p. 61).

Partindo dessa concepção, é possível relacionar a filosofia platônica, especificamente o *Mito da Caverna*, com a realidade dos jovens e traçar uma reflexão que os leve a pensar sobre os valores, ajudando-os a se posicionarem criticamente sobre a própria realidade. Com o *Mito da Caverna*, Platão justifica a criação de um novo cidadão e mostra a possibilidade de um mundo melhor, justo, adquirindo novos conhecimentos. “Platão objetiva tirar pessoas da caverna da ignorância. Procura fazê-las ascender o verdadeiro conhecimento, para que não vivam na escuridão, não vivam sob a falsa impressão do saber” (RODRIGUES, 2007, p. 51 - 52).

A partir desta concepção, observamos que os indivíduos devem descobrir e superar os problemas impostos pela vida. A educação pode ajudar no desenvolvimento do indivíduo e o *Mito da caverna* mostra que todos os indivíduos podem ser libertados e adquirir conhecimentos ao longo de sua existência.

De acordo com Tomazetti (2002, p. 72), “tratar filosoficamente determinados temas, articulando-os com questões filosóficas, pode ser muito difícil para um professor que não tome para si mesmo a filosofia com um exercício de reflexão constante”.

O professor de filosofia deve ajudar o aluno a refletir sobre questões filosóficas, destacando a importância de compreender constantemente o que está a nossa volta e a importância de dialogar em sala de aula temas que fazem parte do cotidiano dos alunos.

Se compararmos o *Mito da caverna* com alguns recortes históricos da nossa sociedade atual, percebemos que ainda há muitas cavernas desde o preconceito, ao autoritarismo, a mídia controladora. Essas cavernas levam o indivíduo a não crítica ou não reflexão, transformando muitos em meros reprodutores de imagens, aprisionados que necessitam de libertação para refletir, sonhar, criar e imaginar um mundo diferente.

A importância do mito da caverna em sala de aula é para mostrar que podemos transformar nossa educação, podemos contribuir com nossa sociedade e podemos libertar muitos que ainda vivem nas cavernas através do conhecimento. Com a educação, o homem supera a si mesmo.

A história da filosofia deve, portanto, ser apresentada aos estudantes como algo vivo, cujas elaborações passadas não perdem atualidade, na medida em que oferecem categorias e referenciais teóricos capazes de continuar nutrindo nossas reflexões no presente. Ela deve apresentar-se, enfim, como uma reflexão no presente (RODRIGO, 2014, p. 50).

A educação citada nas obras platônicas, especificamente em *A República*, que retratava a realidade da sua época, pode ser compreendida como proposta para nossa realidade atual, pois o *Mito da caverna* pode ser considerado uma reprodução do nosso sistema educacional quando reproduzimos a educação aplicada de forma incorreta, com isso nos tornamos prisioneiros das cavernas existentes.

3.3 DA PAIDEIA GREGA A PAIDEIA (EDUCAÇÃO) CONTEMPORÂNEA NO ENSINO MÉDIO

É importante destacar o processo educacional no âmbito da *Paideia* na Grécia Antiga e como é a educação hoje, especificamente no Ensino Médio. Essa reflexão faz-se necessária para ajudar a compreender e refletir sobre a educação.

O padrão educacional grego atravessou séculos sem ser esquecido, a cada ano são feitas releituras da *Paideia*, com propostas que são acrescentadas e suprimidas na sociedade.

Nesse processo a educação não representa um simples fator: era, antes, a essência a que convergia todo esforço humano. Em outras palavras, a *Paideia* grega consistia em conceito de alto valor ético, moral e espiritual continuamente buscado. Para compreender o sentido grego, dever-se-ia pensa-la como civilização cultura, educação, ao mesmo tempo, uma vez que a *Paideia* não constituía uma arte formal, mas concretizava-se na própria estrutura objetiva da vida espiritual da nação, isto é, cristalizava-se na vida cívica, na região, na literatura, na tragédia, enfim, na vida grega (JAEGER, 1994, p. 106).

Para compreendermos esse termo, devemos entender que não é apenas um nome simbólico, mas uma designação exata do termo histórico onde a coisa se contempla com os olhos do homem grego e não do homem moderno.

A *Paideia* é denominada como sistema de educação e formação do homem da Grécia antiga, que incluía várias modalidades como: ginástica, retórica, filosofia, música, entre outros, que visava a formação do cidadão para desempenhar um papel positivo na sociedade “[...] a essência de toda a verdadeira educação ou *paideia* é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento” (JAEGER, 1994, p. 147). Nessa perspectiva,

Desde os distantes tempos da Grécia homérica, a educação dos jovens fora a grande preocupação da classe dos nobres daqueles que possuem a aretê, isto é, a excelência necessária pela nobreza de sangue que se tornará mais tarde, com os filósofos, a virtude, isto é, a nobreza da alma (HADOT, 2004, p. 31)

Podemos dividir a *Paideia* Grega em 3: *Paideia* Homérica, *Paideia* Sofística e a *Paideia* Platônica, cada uma com sua contribuição no processo educacional.

A *Paideia* Homérica está ligada a Homero, à origem mítica e a poemas como *Ilíada* e *Odisseia*, “Homero usava exemplos míticos em todas as situações imagináveis da vida em que o homem pode estar na presença de outro para o aconselhar, advertir, admoestar, exortar e lhe proibir ou ordenar qualquer coisa” (JAEGER, 1994, p. 62). Os poemas de Homero faziam parte da educação e cultura de Atenas.

A *Paideia* Sofística está relacionada com a retórica, a arte de bem falar. “A sofística consistia muito mais num modo de ensinar que numa doutrina” (CHAUÍ, 2002, p. 160). Os sofistas gostavam de mostrar sua sabedoria em público. Cobravam por seus ensinamentos, transformando, assim, o saber (ensino) em profissão. É importante destacar que eles não tinham um modelo único, “Os sofistas operam apenas com opiniões (*doxa*) contrárias, ensinando a argumentar persuasivamente tanto em favor de uma como de outra, dependendo de quem lhes está pagando; não operam com a verdade (*alétheia*)” (CHAUÍ, 2002, p. 124).

Para compreendermos a *Paideia* Platônica, devemos destacar a ideia do bem e o cuidado da alma. “A ideia do bem é o mais alto dos conhecimentos, aquele do qual a justiça e as outras virtudes tiram a sua utilidade” (PLATÃO, 2004, p. 58). Por isso, a *Paideia* Platônica era a mais completa, pois pretendia mostrar a importância de aperfeiçoar a alma dos cidadãos para se ter uma educação de qualidade. Educar deve

estar relacionado com a transformação, com modelar a alma, assim todos que passam por esse processo viverão em uma cidade de modo justo e felizes.

É a partir da educação que o homem pode elevar sua capacidade. Percebe-se a importância desse sistema que surgiu nos tempos homéricos e continua a interessar os pensadores.

Para Platão, a *Paideia* orienta a alma no processo de superação ao plano sensível, na busca da ascensão do bem. Como ele mostra que a educação não será mais do que a arte de fazer essa conversão, de encontrar a maneira mais fácil e mais eficiente de consegui-la; “não é a arte de conferir vista à alma, pois vista ela já possui; mas, por estar mal dirigida e olhar para o que não deve, a educação promove aquela mudança de direção” (PLATÃO, 1981, p. 518).

Uma educação consistente pode até mudar a natureza física do homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores da existência humana (JAEGER, 1994, p. 3).

Platão almejava uma *Paideia* justa, capaz de corrigir as distorções ensinadas por poetas e sofistas, colocando assim os cidadãos no caminho certo. Utilizando a pedagogia da razão, para construir uma *Paideia* para formar o homem, com intermédio de leis e da ideia do bem. E essa ideia do bem fornece ao indivíduo o caminho para a reflexão humana que compreenderia a verdadeira educação.

Os dois pilares da educação para Platão está relacionado com a *Aretê* e a *Paideia*. A *aretê* está relacionada com a virtude, excelência a adaptação perfeita como foi citado anteriormente. Com Platão, a *aretê* passou a ser relacionada com justiça e moderação. Onde o indivíduo seria virtuoso e justo. Dessa forma, o treinamento da *aretê* abrangia a retórica, ciência, educação física, música, filosofia como também a educação espiritual.

Na contemporaneidade a educação adota quatro aprendizagens fundamentais que são constituídas como pilares de conhecimento. De acordo com Delors (1998) são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser.

Aprender a conhecer sugere o domínio dos instrumentos de conhecimentos, já aprender a fazer está profundamente ligado a aprender a conhecer, e a convivência pacífica e harmônica está relacionada com aprender a viver juntos, em relação a

aprender a ser, está voltado a preparação do ser humano para que tenha autonomia e capacidade para resolver diversas situações ao longo da vida.

Tanto os pilares citados por Platão como os pilares citados por Delors estão relacionados a melhoria da educação, onde se concentra o conhecimento e a valorização do ser em sociedade. O pensamento de Platão na antiguidade em relação a educação está diretamente ligado com a contemporaneidade.

Para Platão, a educação é o ponto chave para o indivíduo, pois ela transforma o homem, tornando o homem mais virtuoso, pois é considerada para ele a coisa mais preciosa que o homem pode ter na sua vida.

A educação exibida por Platão requer esforço e disciplina, será experimentada e satisfatória na longa jornada, quando será possível “colher os frutos que semeara” (PLATÃO, 1981, 276 b - c : 150).

Segundo estudiosos, quando um povo atinge o auge do seu desenvolvimento, ele se volta impreterivelmente para a questão da educação, ou seja, para a conservação e a transmissão daquilo que há de melhor no espírito daquela comunidade [...] apenas o ser humano consegue transcender e propagar a sua forma de vida social e espiritual por meio da educação, através da vontade e da racionalidade (JAEGER, 1994, p. 03).

Nos primórdios gregos, a educação era muito avançada se compararmos com nossa sociedade atual, era considerada essencial, atualmente perdemos um pouco dessa valorização, dessa preocupação com o processo educacional. “O retorno aos clássicos da educação, como a *Paidéia* grega, sempre foi pertinente, mas nesta época em que discutimos o papel da educação na formação da cidadania” (SOARES, 2002, p. 9).

Por isso, devemos tentar interligar a *Paideia* grega com a contemporânea, para entendermos o processo de formação educacional. Compreende-se que os povos que sucederam os gregos em relação ao processo educacional, no que se refere aos jovens estão ficando cada vez menos reflexivos e questionadores. O conhecimento antes era questionador e universal, hoje está se tornando específico e reprodutivo, é curioso observar que vários modelos diferentes estão sendo abrangidos pela mesma categoria Educação.

Pode ser que a explicação para essas transformações se dá pelo volume de conhecimentos acumulados pela humanidade, que necessita de mais tempo para ser transmitido.

Muitas vezes, o abandono das discussões em sala de aula faz com que o aluno não se sensibilize a enxergar além do que vê. A educação não alcança o que promete, pois não traça estratégias voltadas para uma educação humanista.

A *Paideia* contemporânea não tem a preocupação em formar verdadeiros indivíduos, mas sim em beneficiar poucos e deixar a maioria em cavernas para que não consigam conhecer a verdadeira essência que se baseia na *Areté*, que expressa excelência, um importante elemento na *Paideia* grega.

É necessário que o professor obtenha um novo olhar, onde possa transformar os alunos e mostrar o papel que eles tem na escola, família e sociedade, que são capazes de exercer suas funções políticas e sociais, lembrar que a educação é o passaporte para nos tornamos pessoas de bem e justos com compromisso para o nosso futuro.

A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações (LIBÂNEO, 1999, p. 7).

Na concepção platônica, a educação é um processo lento e doloroso, que vai expondo as pessoas à verdade. Pouco a pouco, na medida que os indivíduos são libertados, com mais luz, vão percebendo que a nova forma de ver tem mais sentido.

A educação é uma troca de saberes. Partindo dessa análise, Cortella (2008) apresenta um sábio ditado chinês que nos convida a questionar sobre o que é partilhar saberes:

Se dois homens vem andando por uma estrada, cada um carregando um pão e, ao se encontrarem, eles trocam os pães, cada homem vai embora com um, porém, se dois homens vem andando por uma estrada, cada um carregando uma ideia, d ao se encontrarem eles trocam as ideias cada homem vai embora com duas (CORTELLA, 2008, p.159).

Por isso, deve-se transformar os pães em ideias e multiplicarem, a persistência é um processo de libertação. O professor deve ser questionador, pesquisador, buscando descobertas e conhecimentos, compreender que o importante para os alunos é entender que deve-se ultrapassar as barreiras da sua realidade.

A educação platônica, é uma educação comprometida com o ensino de verdade. Todo sistema educacional de Platão está edificado sobre a noção fundamental da verdade, sobre a conquista da verdade pela ciência racional. É a posse da verdade que definirá, segundo Platão o verdadeiro orador, o verdadeiro médico, o verdadeiro político, bem como o verdadeiro filósofo (MARROU, 1990, p. 111).

De acordo com o pensamento platônico, aquele que consegue alcançar o conhecimento do bem, que é o conhecimento verdadeiro, torna-se melhor. Partindo dessa análise, Platão aborda no *Mito da Caverna* que:

Essa ausência da verdade torna os 'amadores de espetáculo', 'presas' fáceis de suas próprias representações. Pois, a cada momento os homens têm uma verdade, não sendo ela mais do que um distanciar da coisa em si. As sombras os enganam, e isto acontece com facilidade (PLATÃO, 2004, p. 302).

Na visão de Pedro Demo (2000, p. 32), é preciso dominar a capacidade de “aprender a aprender” e saber pensar, dessa forma, questionar aquilo que é imposto como verdade torna-se salutar e dessa maneira ocorre o conhecimento. Como cita Kohan (2002, p. 40), “não é possível ensinar a pensar sem aprender a pensar, [...] para aprendermos a deixar que os outros pensem, aprendemos a deixar pensar”. “O professor ao se colocar como aquele que também deseja aprender, instiga o seu aluno a ser investigativo, a ser um curioso [...] sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me ensine na busca, não aprendo nem ensino” (FREIRE, 1996, p. 85).

O diálogo proporciona essa construção de conhecimento, tornando-se essencial para uma ação reflexiva. A proposta do diálogo platônico permite ainda mais abertura para esse processo de aprendizagem, pois, com perguntas e respostas, o aluno percebe que existem várias verdades, que são descobertas nessa relação aluno e professor, professor e aluno, onde todos transferem e recebem conhecimento.

Tratando-se de conhecimento, sabe-se que as perguntas movem o conhecimento e não as respostas. As respostas levam o indivíduo ao ócio, induzindo a acreditar que tudo já foi solucionado, o problema é que nem tudo que é repetido é verdadeiro. Deve sempre ser frisado que todos temos que sair da caverna, buscar conhecer e nunca achar que já conhecemos o bastante, pois corremos o risco de voltar à caverna e nos acostumarmos novamente com a escuridão, ou seja, com a ignorância. Todos temos que entender que o conhecimento é incansável.

Na *Paideia* contemporânea, especificamente no Ensino Médio, os professores encontram dificuldades em transmitir o conhecimento, por isso alguns só reproduzem

os conteúdos fazendo com que os alunos acreditem e respeitem só o seu modo de pensar. Dessa forma, não é incentivada a liberdade para o diálogo, ocorrendo, assim, a reprodução do conhecimento.

Os alunos são vistos muitas vezes como mero reprodutores de informações, pois não são induzidos a buscar e enxergar novos conhecimentos. Muitas vezes, somos prisioneiros de nossos hábitos, tradições, só acreditamos no que é transmitido e não refletimos sobre o que está ao nosso redor.

Assim, prossegui, a educação não será mais do que a arte de fazer essa conversão, de encontrar a maneira mais fácil e mais eficiente de consegui-la; não é a arte de conferir vista à alma, pois vista ela já possui; mas, por estar mal dirigida e olhar para o que não deve, a educação promove aquela mudança de direção (A Republica, 518 d).

Platão nos demonstra a capacidade do indivíduo de ver não só com os olhos físicos, mas com os olhos da alma, a partir daí compreender a essência, e isso faz parte da educação.

O professor deve orientar o aluno na direção da luz, de novos conceitos, promovendo a reflexão, levando-os a entender sua própria essência, a imaginar o mundo e suas realidades, construir uma compreensão baseada no mundo que o rodeia, conduzindo a busca da sabedoria, possibilitando o diálogo, acarretando uma melhoria no ensino. Permitindo a cada um aprender e pensar sobre si.

Compreender a *paideia* na Grécia e a *paideia* (educação) contemporânea é entender a educação ao longo dos anos, descobrir suas transformações e o que pode ser feito para melhorar o processo educacional.

4 PRÁTICA FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO: PROPOSTA DE UM DIÁLOGO POSSÍVEL NA CONTEMPORANEIDADE

O capítulo é voltado para a Filosofia do Ensino Médio, tendo como proposta o diálogo platônico, que ajuda na transformação do conhecimento. Também apresenta-se a população da pesquisa e sua metodologia, que mostram como trabalhar filosofia com adolescentes, dando ênfase à filosofia na antiguidade, fazendo um paralelo com métodos contemporâneos para se obter bons resultados em sala de aula.

Na visão de Severino (2011, p. 82), a “incumbência pedagógica da Filosofia é mostrar aos jovens o sentido de sua existência concreta”. Essa existência está relacionada com o ser e a convivência social. A filosofia é uma renovação das práticas escolares. Corroborando essa ideia, Borin (2003, p. 83) afirma que o “pensar a filosofia nos ambientes escolares supõe questionar as práticas tradicionais de ensino, sem retirar suas contribuições, mas reconstruí-la com outros moldes”. De acordo com Souza (1998, p. 4),

Os que ensinam terão que ter consciência de que os que aprendem são, tal como eles próprios, seres sociais portadores de um mundo muito especial de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos lá fora e que importa contemplar.

Partindo desta análise, percebemos a importância de inovar os métodos educacionais, sempre conservando práticas tradicionais com outra roupagem e interligando com as práticas inovadoras, como rodas de conversa, produção de textos reflexivos, utilização do data show para apresentar filmes, músicas e imagens, com vistas a melhorar o processo de aprendizagem.

Para que o saber filosófico se torne pessoalmente significativo, motive e desperte interesse, é preciso conceber estratégias didáticas capazes de estabelecer alguma forma de relação entre esse saber e as referências culturais e experiências de que os estudantes já são portadores ao ingressar na escola. Estas últimas constituirão a base de sustentação das novas aquisições; os conceitos e vivências prévios, que o estudante já incorporou ao seu modo de compreender a si mesmo e ao mundo, constituem uma espécie de ponte cognitiva que lhe permite articular o significado dos novos conteúdos aprendidos na escola (RODRIGO, 2014, p. 38).

Nesse sentido, “a Filosofia deve promover a autonomia do pensar, indissociável a correta apropriação e posicionamento crítico face a realidade dada, que passa por

pensar o mundo e compreender a vida nas suas múltiplas interpretações” (BARBOSA, 2014 p. 12).

Com a filosofia, o indivíduo busca refletir sobre sua realidade, sobre o mundo e, assim, pode abranger seus conhecimentos. E o professor de filosofia no Ensino Médio tem esse papel de mediador, de ajudar o aluno a desenvolver seu pensamento e criticidade. “A Filosofia busca esclarecer o significado ou o sentido daquilo que está por trás das respostas e das próprias perguntas [...]” (SAVIAN FILHO, 2016, p. 12).

Atualmente, no ambiente escolar, os alunos não são os mesmos de algumas décadas atrás, as redes sociais tomaram conta da sociedade e o professor deve trazer esse meio de comunicação para a sala de aula, de modo que as aulas tornem-se mais prazerosas.

No entanto, sabe-se que a aprendizagem não depende só do professor, mas, também, da predisposição do aluno, de forma que ele consiga pensar por si, desenvolvendo assim uma reflexão filosófica.

É possível que trazendo a reflexão filosófica para o universo de sua cultura tivéssemos a sua simpatia, e com isso, a possibilidade de lhes oferecermos uma forma peculiar e sistemática de abordarmos a realidade, fazendo sua crítica numa perspectiva de totalidade (MATOS, 2014, p. 29).

Diante disso, com a proposta do diálogo platônico tentou-se unir a filosofia clássica à contemporaneidade, utilizando os textos filosóficos de uma forma interativa e usando o data show como recurso para exibição de cenas de filmes e vídeos, todos elencando o *Mito da Caverna* e trazendo para a cultura dos alunos, sua realidade atual. É importante destacar que todos podemos aprender, pois o conhecimento através do diálogo platônico transforma o indivíduo.

O diálogo platônico é possível e indispensável em sala de aula, pois ajuda o aluno a refletir sobre os acontecimentos e os questionamentos que surgem, faz com que observem o meio em que vivem de uma outra forma. Assim, muitos saem da zona de conforto e descobrem que a partir do conhecimento e do diálogo desenvolvido em sala de aula, o aprendizado torna-se mais prazeroso e instigante, levando-os a descobrir que podem, a partir do pensamento, ir além do que eles imaginavam.

4.1 LOCAL DE PESQUISA E POPULAÇÃO ESTUDADA

A pesquisa foi produzida junto a 15 alunos que compõem a turma do 3º Ano “E” do Ensino Médio, turno vespertino, da Escola Estadual João Silveira Guimarães, que está localizada na cidade de São Bento/PB. A escolha do turno vespertino deu-se em virtude dos alunos matriculados nesse turno obterem mais disponibilidade para participar da pesquisa.

A escola hoje conta com mais de 600 alunos, distribuídos em 23 turmas, das quais 3 são turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que fazem parte do turno noturno e as demais são divididas nos turnos matutino e vespertino. O corpo docente, por sua vez, é composto por cerca de 30 professores. A demanda estudantil compreende uma faixa etária de adolescentes de 14 anos até adultos com idade de mais de 30 anos.

A estrutura física da instituição é formada por um auditório, que é utilizado como espaço recreativo e onde se realizam alguns eventos durante todo o ano letivo. Conta também com sala de direção, secretaria, cozinha, sala de professores, biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciências interdisciplinar, sala de vídeo, 10 salas de aula e 04 banheiros (masculino e feminino).

A escola tem o Projeto Político Pedagógico (PPP) atualizado e segue alguns preceitos, entre eles o de que a educação não deve limitar-se ao processo de leitura e escrita, mas sempre fornecer ao aluno a capacidade de pensar e refletir, no contexto de sua realidade social. Outro ponto fundamental é o papel da escola em preparar o aluno para que ele possa tomar decisões que não deixem de lado o seu contexto cultural.

O planejamento é realizado quinzenalmente por áreas, divididas da seguinte forma: Humanas, Linguagem, Ciências da Natureza e Matemática. Um dos pontos negativos é que os próprios professores conduzem os planejamentos e fazem a ponte de ligação com as demais áreas, visto que a escola encontra-se sem coordenador pedagógico e supervisor. Mesmo com essa dificuldade, os professores realizam ações como Gincana, Semana do Estudante e Aulões preparatórios para o ENEM, que ajudam na aprendizagem dos alunos.

A pesquisa teve início a partir de um diálogo com os alunos, momento em que foi apresentada a proposta, as ações e a importância para o processo de

aprendizagem dos alunos. Os alunos explanaram suas opiniões acerca do trabalho e aceitaram de forma positiva participarem da mesma.

Somente o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim [...] se fazem críticos na procura de algo e se produz uma relação de 'empatia' entre ambos. Só ali há comunicação. 'O diálogo é, portanto, o caminho indispensável' [...] 'não somente nas questões vitais para a nossa ordem política, mas em todos os sentidos da nossa existência (FREIRE, 1983, p. 68).

Platão, nas suas obras, mostra a importância do diálogo, ensinando na prática com perguntas que levavam o indivíduo à reflexão como: "O que? Por que?". O filosofar problematiza, analisa o tempo e a realidade que nos cerca, define a identidade. "Platão entende por dialética o estudo das vias que nos levam à ciência perfeita das ideias e desta ideias em si mesmas, na sua realidade objetiva. Corresponde, pois, à epistemologia e à metafísica" (FRANCA, 1987, p. 56). Para Lipman (2002, p. 38),

Quando as pessoas se envolvem num diálogo, são levadas a refletir, a se concentrar, a levar em conta as alternativas, a ouvir cuidadosamente, a prestar muita atenção às definições e aos significados, a reconhecer alternativas nas quais não havia pensado anteriormente e, em geral, realizar um grande número de atividades mentais nas quais não teria se envolvido se a conversação não tivesse ocorrido.

A filosofia nos leva a buscar novas reflexões, a compreender o mundo que nos cerca, como muitos outros campos do saber, tentando identificar os problemas que envolvem o indivíduo nos dias atuais. Para que isso ocorra, faz-se necessário a introdução do diálogo e os pensadores de diferentes épocas, que são importantes para obter reflexão de nossa realidade. De acordo com Rodrigo (2014, p. 83),

Permite um aprofundamento da reflexão e o aprimoramento da capacidade de argumentação, com resultados pedagógicos mais interessantes. Para que não degenerem num simples bate-papo superficial e inconsequente, precisa ser bem preparado.

Sabemos que trabalhar textos filosóficos não é tarefa fácil, por isso deve-se tentar trabalhar textos, experimentando, recriando novas formas de entender a filosofia, sem perder sua essência.

O uso de texto filosófico torna-se cada vez mais imprescindível, porque permite efetivamente ao estudante dialogar com o próprio filósofo, conhecê-lo o pensamento diretamente dos seus escritos –. Desse modo é possível que os alunos mantenham com os autores uma aproximação mais consciente, mais crítica e talvez mais emocionante (MARTINI, 2001, p. 91).

Partindo dessa reflexão, entende-se a importância da utilização dos textos filosóficos para os alunos do Ensino Médio, pois esses textos geram conhecimento. “Conhecimento produzindo vida, vida produzindo conhecimento. Conhecimento que gera compromissos de transformação e constitui o sujeito enquanto cidadão” (FREITAS, 2011, p. 148).

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de intervir no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã (FREIRE, 1996, p. 31).

Diante dessa citação de Freire, refletimos sobre a importância de como o professor deve conduzir o conhecimento para o aluno, a importância de refletir e compreender sobre conteúdos filosóficos, partindo de textos da filosofia antiga para mostrar novas formas de pensar a filosofia.

4.2 MODELO DE PESQUISA E METODOLOGIA

O trabalho teve como modelo a pesquisa qualitativa, na qual buscou um aprofundamento para a investigação, de modo a compreender o problema delineado, por isso a escolha do número de participantes. De acordo com Minayo (2010, p. 22),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa qualitativa possibilitou à pesquisadora desenvolver métodos e articulações que caracterizaram várias discussões produtivas sobre a pesquisa. Isso porque “a pesquisa qualitativa remete um contato direto entre o pesquisador com os sujeitos participantes no intuito de compreender suas particularidades que são

influenciadas pelo contexto no qual os participantes estão inseridos” (ZANATTA; COSTA, 2012, p. 67).

Os critérios centrais da pesquisa qualitativa consistem em determinar se as descobertas estão embasadas no material empírico, ou se os métodos foram adequadamente selecionados e aplicados, assim como na relevância das descobertas e na reflexividade dos procedimentos (FLICK, 2009, p. 24).

Além desses critérios acima citados, a pesquisa qualitativa “tem fontes de informações no cotidiano regular das pessoas, no seu ambiente natural, seja em uma escola ou até mesmo dentro da própria família” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 88). Partindo de todos os critérios acima citados, nota-se a importância da pesquisa qualitativa.

Na perspectiva qualitativa, dar-se-á destaque ao método de pesquisa do estudo de caso, que, segundo Yin (2005, p. 33), “é uma investigação empírica que abrange tudo – planejamento, técnica de coleta de dados e análise dos mesmos”.

O conhecimento gerado com o estudo de caso é considerado como sendo contextualizado, com interpretação do leitor. André (2005, p. 23)

reúne o estudo de caso em quatro grandes grupos: etnográfico (um caso é estudado em profundidade pela observação participante); avaliativo (um caso ou um conjunto de casos é estudado de forma profunda com o objetivo de fornecer aos atores educacionais informações que os auxiliem a julgar méritos e valores de políticas, programas ou instituições); educacional (quando o pesquisador está preocupado com a compreensão da ação educativa); e ação (busca contribuir para o desenvolvimento do caso por meio de feedback).

Partindo desta concepção, verifica-se a importância desse método, pois apresenta elementos necessários para que os alunos façam suas interpretações, deixando claro as evidências e afirmações gerais sobre o problema. Com ele, os alunos obtiveram compreensão sobre a importância da filosofia e do tema abordado, como também, avanço no processo de aprendizagem e conhecimento.

Martins (2008, p. 22) afirma que:

Em um estudo de caso a coleta de dados ocorre após a definição clara e precisa do tema, enunciado das questões orientadoras, colocação das proposições – teoria preliminar - levantamento do material que irá compor a plataforma do estudo, planejamento de toda a pesquisa incluindo detalhado protocolo, bem como as opções por técnicas de coleta de dados.

O pesquisador obteve coleta de dados que ajudou na sua atuação crítica e criativa, explicando, interpretando, descrevendo, dialogando com os envolvidos, procurando retratar a realidade de forma completa e profunda. “É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação” (MINAYO, 2010, p. 17).

Partindo dessa concepção, pretendeu-se compreender as dimensões presentes na situação estudada, focalizando o todo. O sucesso se dá a partir da integração harmoniosa do pesquisador e grupo envolvido. “É essencial que o pesquisador adquira familiaridade com o estado do conhecimento sobre o tema para que possa propor questões significativas e ainda não investigadas” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002, p. 151).

A metodologia aplicada teve a utilização de vários instrumentos de coleta de dados, como questionário, que é um dos procedimentos mais utilizados em pesquisas qualitativas, “A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta para que quem vai responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado” (GERHARDT; *et al*, 2009, p. 69). Para obter informações necessárias, o questionário foi composto por perguntas abertas e fechadas, por meio das quais analisou-se atitudes, rotina, opiniões e pensamento dos alunos.

Foi também aplicada uma entrevista no início da pesquisa e outra no término, para verificar se o resultado da pesquisa foi satisfatório para os alunos. Essas entrevistas foram importantes para conhecer o público da pesquisa e analisar o pensamento deles sobre educação e filosofia, no início e término do projeto, foi partindo da entrevista que o entrevistador entendeu melhor como os alunos compreendem a filosofia em sala de aula.

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível (ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 17).

Com a entrevista, o pesquisador compreende alguns aspectos do entrevistado, para obter a melhor forma de identificar o problema e agir de forma coerente, partindo da coleta de dados da pesquisa.

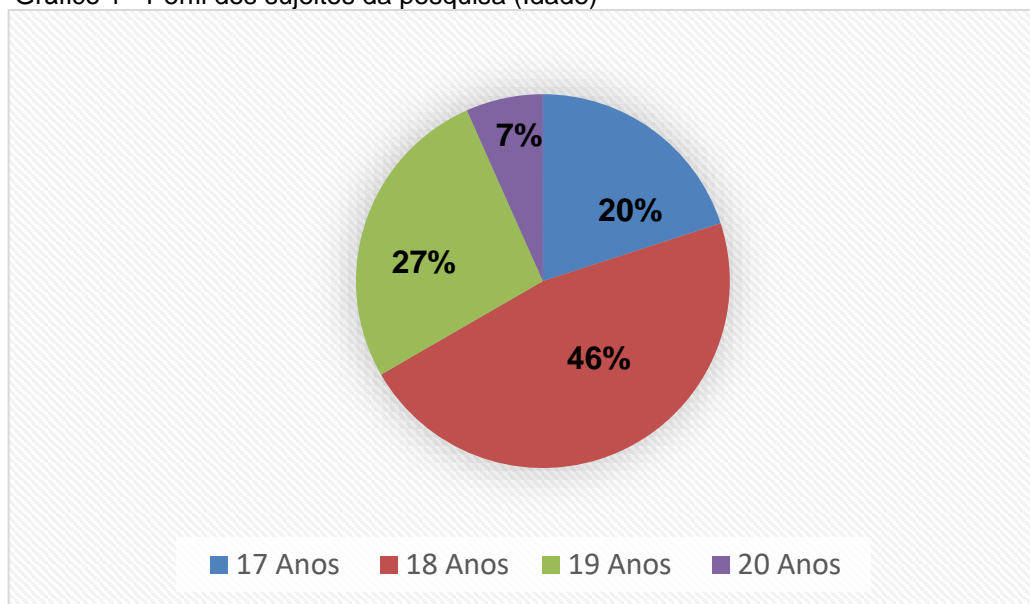
Os dados coletados para o projeto são importantes para evidenciar que os textos clássicos proporcionam diálogos, que ajudam no aprendizado dos alunos. As práticas pedagógicas determinam o processo de ensino-aprendizagem.

5 DESCRIÇÃO DAS ESTRATÉGIAS E EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

Este capítulo é voltado para explicar as aulas ministradas no trabalho e descrever como foi executada a metodologia, como também, se a experiência foi proveitosa em sala de aula. O primeiro procedimento feito foi a aplicação do questionário (Apêndice A), que tinha como objetivo fazer uma análise do aluno, tentando identificar sua idade, se é casado, se trabalha, se tem um ritmo de estudo, para que pudéssemos ter uma noção social, profissional e de estudo do aluno. Desse modo, algumas características do questionário estão apresentadas nos Gráficos 1 - 3.

O Gráfico 1 apresenta os resultados da análise em referência a idade dos alunos entrevistados.

Gráfico 1 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Idade)

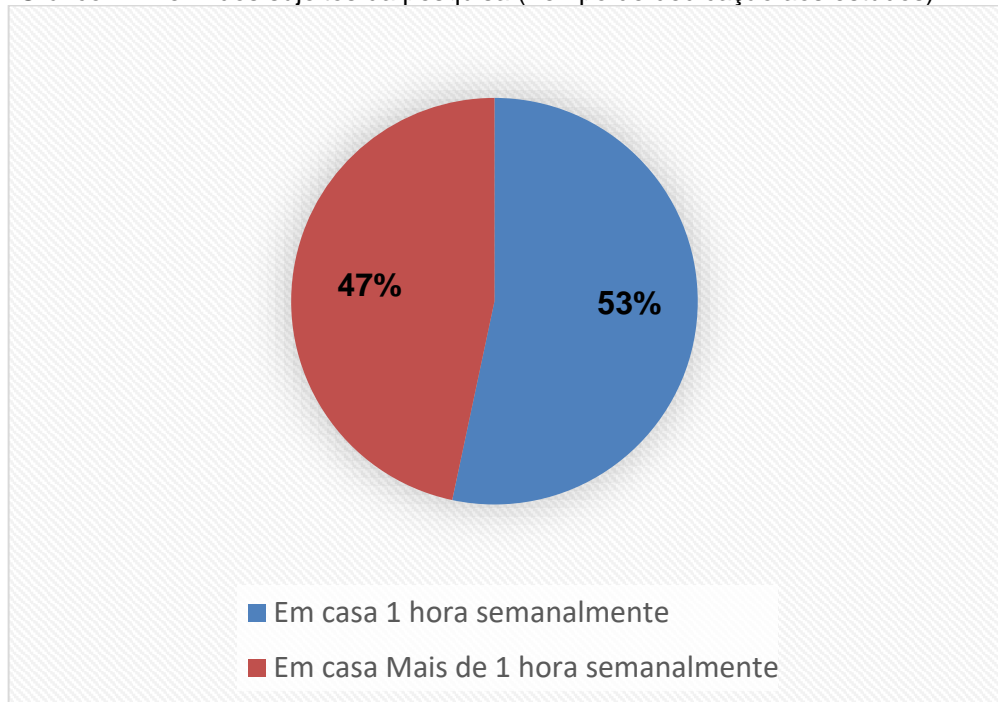


Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa.

A partir do referido gráfico, observa-se que a idade dos alunos varia entre 17 e 20 anos. Ressalta-se que esses estudantes moram alguns em zona urbana e outros em zona rural e estão finalizando o Ensino Médio, pois todos cursam o 3º Ano, no turno vespertino e todo o trabalho foi desenvolvido no horário oposto, no turno da manhã. Ainda em referência ao Gráfico 1, observa-se uma concentração da idade dos alunos nos 18 anos, sinalizando a realidade da distorção idade série na região.

Por sua vez, o Gráfico 2 traz informações acerca do tempo de dedicação aos estudos por parte dos alunos, haja vista que, conforme Azzi (2001), o tempo gasto com esse objetivo contribui para melhor desempenho do aluno na escola.

Gráfico 2 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Tempo de dedicação aos estudos).

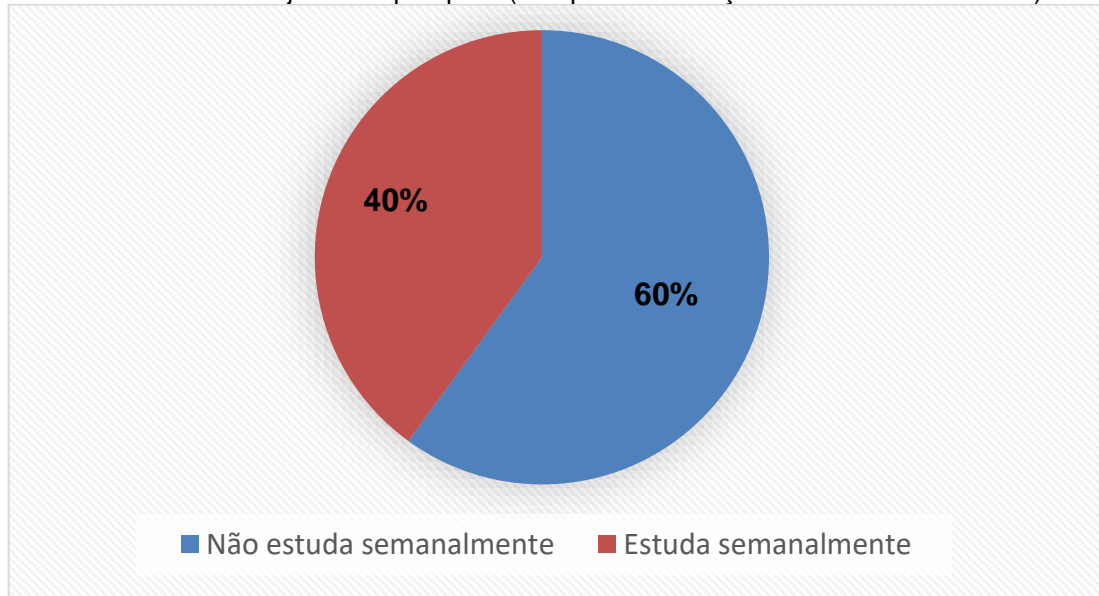


Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa.

Ao analisar o referido gráfico, percebe-se que ainda há um grande desinteresse dos alunos em relação ao estudo, e foi bom o questionário pois os alunos foram sinceros em relação à educação.

O Gráfico 3, por sua vez, apresenta os resultados para um tempo de dedicação aos estudos mais específico, que é o voltado, em particular, para a disciplina de Filosofia. Vejamos:

Gráfico 3 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Tempo de dedicação ao estudo de Filosofia)



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa.

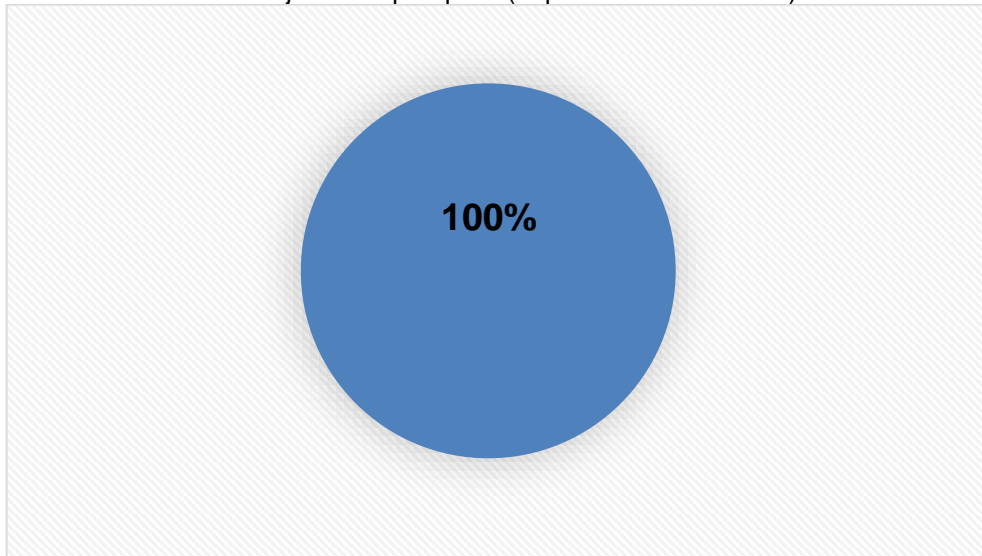
Nessa perspectiva, de acordo com os resultados expostos no referido gráfico, nota-se que o tempo dedicado à disciplina de Filosofia é muito pouco. No entanto, observou-se que não é apenas com a disciplina de Filosofia, mas sim com todas as disciplinas, conforme resultado constatado pelo Gráfico 2.

Além do questionário, foram feitas duas entrevistas. Na primeira entrevista (Apêndice B), aplicada no início da pesquisa, os alunos responderam questões relacionadas com a disciplina de filosofia, sobre conteúdos, métodos aplicados na disciplina, se gostam de estudar filosofia.

De acordo com Gil (1999, p. 117), “a entrevista é uma forma de interação, mais especificamente é uma forma de diálogo”. Com a entrevista, podemos aprofundar na pesquisa e entender o entrevistado. Alguns resultados da primeira entrevista estão apresentados nos Gráficos 4 - 7.

O Gráfico 4, em particular, apresenta os resultados para a pergunta sobre a importância de estudar.

Gráfico 4 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Importância de estudar)

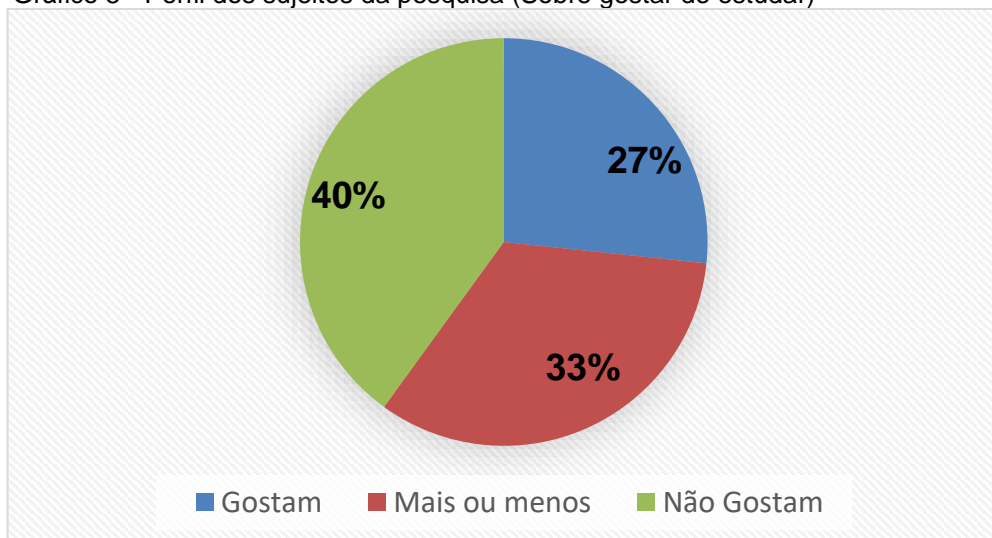


Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa.

Ao analisar a primeira entrevista, a partir dos resultados do Gráfico 4, percebe-se que os alunos têm consciência da importância de estudar para que possam conseguir realizar seus objetivos. No entanto, mesmo tendo consciência, não se esforçam para estudar.

Por outro lado, o Gráfico 5 traz as evidências para o questionamento sobre se eles gostam de estudar.

Gráfico 5 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Sobre gostar de estudar)



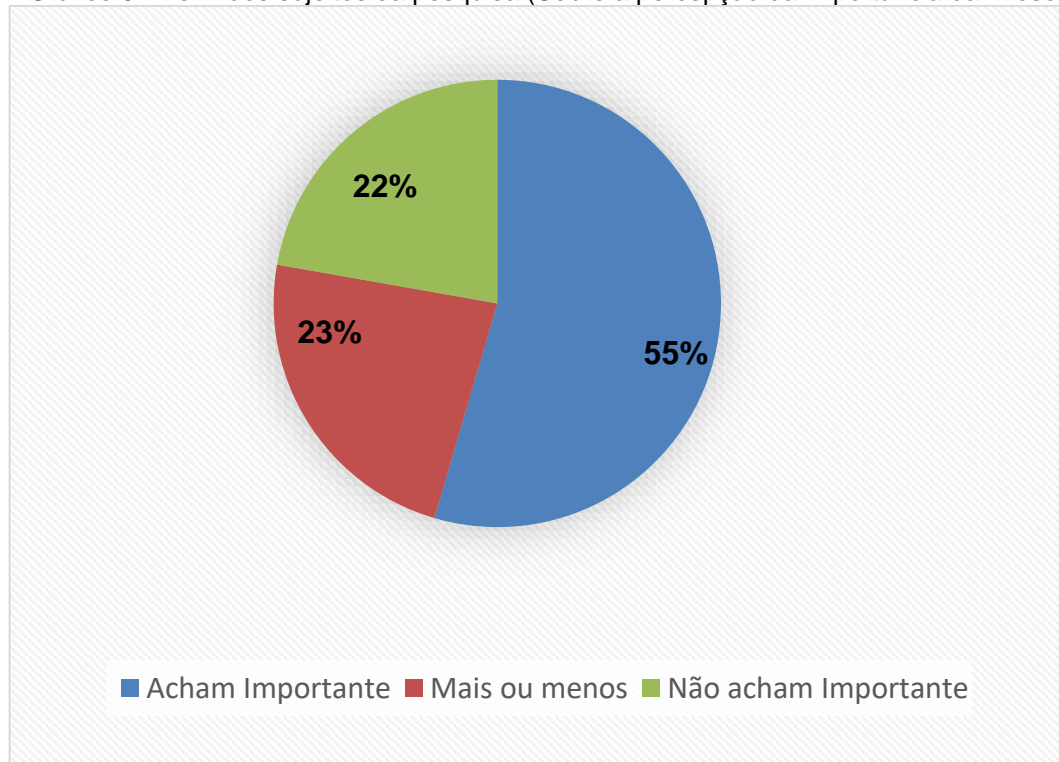
Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa.

De acordo com o referido gráfico, observa-se que só uma parte respondeu que sim, mas foi relatado que para que eles gostassem de estudar, a escola deveria oferecer mais ações e aulas dinâmicas que motivassem os alunos, como também

alguns relataram que não tem incentivo familiar, pois muitos tem que começar a trabalhar cedo para ajudar nas despesas de casa.

O Gráfico 6 reporta às respostas sobre a percepção da importância da Filosofia, na condição dos alunos acharem importante, mais ou menos ou não acharem importante.

Gráfico 6 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Sobre a percepção da importância da Filosofia)

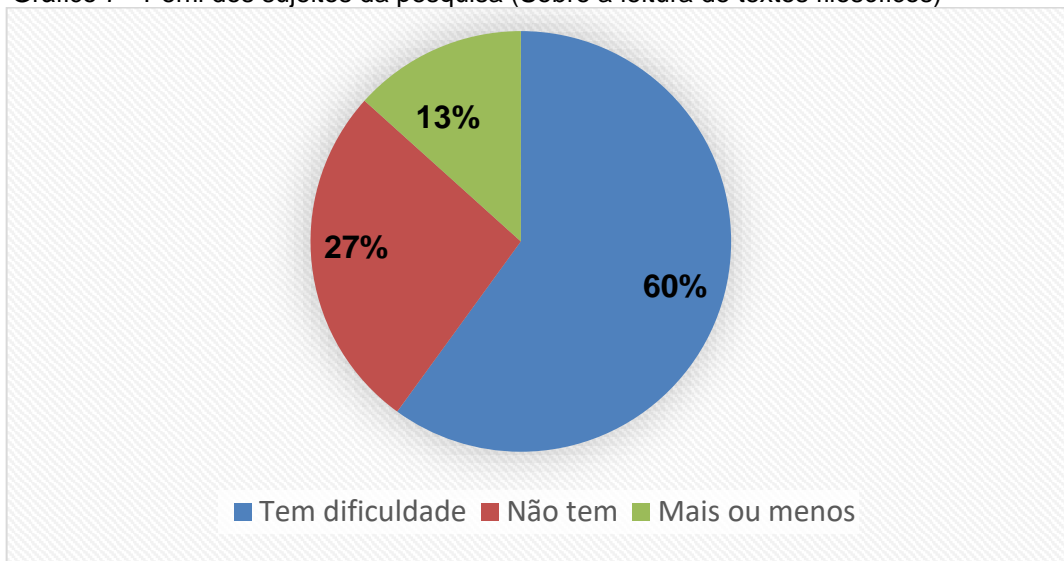


Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa.

A partir do referido gráfico, identifica-se que a maioria dos alunos entrevistados consideram importante a disciplina de filosofia, mesmo não tendo o hábito de estudar a disciplina. Percebe-se que eles acham importante, como alguns relataram que a disciplina é importante para a vida.

O Gráfico 7 apresenta um ponto importante da entrevista, que foi compreender a dificuldade que os alunos têm na leitura de textos filosóficos, segundo a qual os alunos puderam responder se tem, não tem ou mais ou menos, como pode ser verificado a seguir.

Gráfico 7 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Sobre a leitura de textos filosóficos)



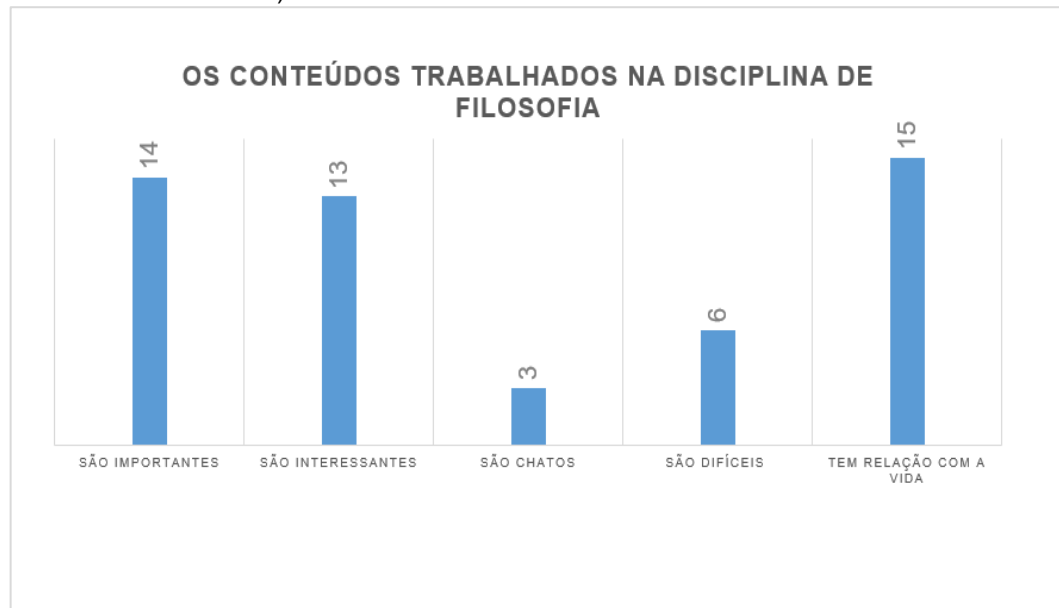
Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa.

Segundo os resultados do referido gráfico percebe-se que a maioria dos alunos relatam essa dificuldade, principalmente em textos clássicos. Essa questão foi importante para refletir sobre o que fazer para transformar essa realidade. Uma vez que a dificuldade sinaliza a necessidade de que ações sejam feitas para minimizar as dificuldades relatadas.

Na segunda entrevista (Apêndice C), aplicada ao término da pesquisa, foram apresentadas aos alunos questões sobre a importância da filosofia, se houve aprendizado com o conteúdo sobre o Mito da Caverna e se esse estudo melhorou o processo de aprendizagem dos mesmos. A seguir, nos Gráficos 8 - 9, apresenta-se os dados referentes à entrevista semiestruturada II.

Nesse sentido, o Gráfico 8 reporta aos resultados evidenciados para o questionamento sobre os conteúdos trabalhados na disciplina de Filosofia, incluindo as respostas de percepção sobre esses serem importantes, interessantes, chatos, difíceis e ter algum relacionamento com a vida.

Gráfico 8 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Sobre os conteúdos trabalhados na disciplina de Filosofia)

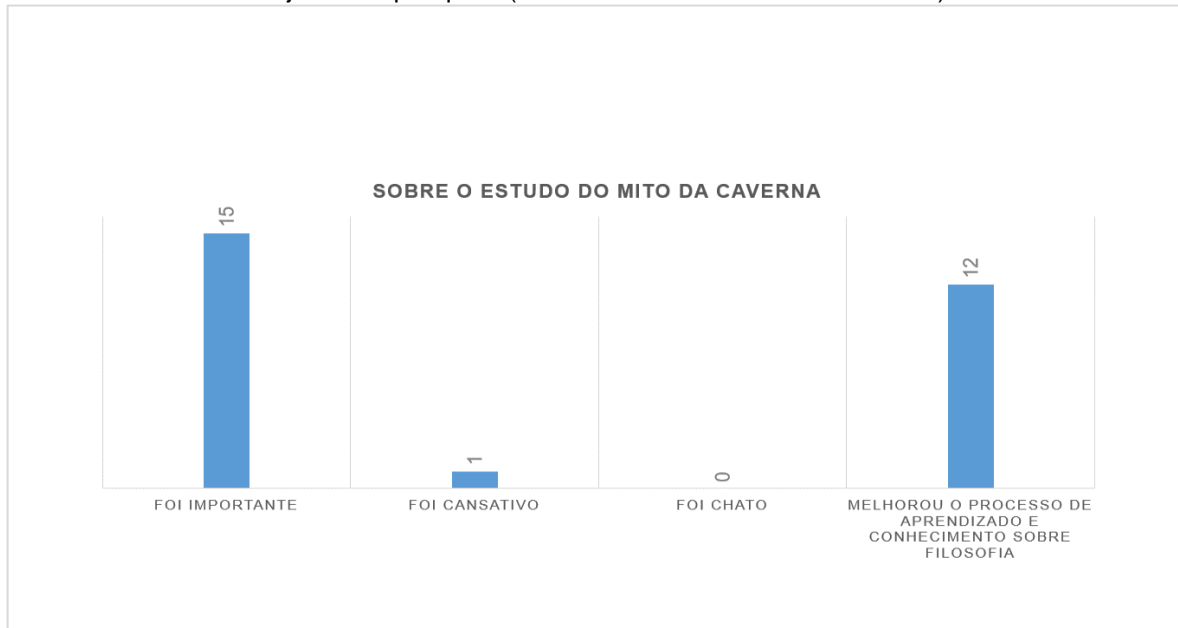


Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa.

A partir do referido gráfico, percebe-se um grande avanço em relação a disciplina de Filosofia, pois, quando perguntados sobre os conteúdos, cerca de 30% responderam perceber que a mesma tem relação com a vida, já que de fato a proposta de apresentar a Filosofia e discutir a Filosofia em sala sempre esteve presente na nossa história ao nascer da relação social. Além disso, cerca de 28% dos alunos acham os conteúdos importantes e cerca de 25% classificam os conteúdos como interessantes. Diante disso, pode-se dizer que esse foi um resultado interessante, uma vez que mais de 90% dos alunos entrevistados considera o conteúdo de Filosofia importante, como também acham interessante a forma como foi trabalhado e as metodologias utilizadas, todos que participaram afirmaram que os conteúdos têm relação com a vida.

Por sua vez, o Gráfico 9, apresenta os resultados sobre o estudo do *Mito da Caverna*, em relação a este ser importante, cansativo, chato e se melhorou o processo de aprendizado e conhecimento sobre a Filosofia.

Gráfico 9 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (Sobre o estudo do Mito da Caverna)



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa.

De acordo com as evidências apresentadas no Gráfico 9, percebe-se que a maior parte dos participantes acharam importante, da mesma forma que consideram que com o aprofundamento da leitura em Platão e no *Mito* houve uma melhora significativa no processo de aprendizado e conhecimentos filosóficos.

Dos alunos que participaram da pesquisa, percebeu-se que a maioria gostou de ter participado, pois acharam positiva essa abordagem na disciplina, uma vez que, segundo alguns deles, começaram a entender a filosofia de outra forma. Muitos achavam os textos da filosofia antiga “chatos” e tinham um certo receio pela disciplina, pois faziam perguntas como: Para que filosofia? Hoje os questionamentos são diferentes, estão baseados em novas perguntas como: Por que só uma aula de filosofia? Vamos fazer debates sobre conteúdos filosóficos?

Toda essa trajetória vivenciada enriquece o professor, pois nota-se a importância de um trabalho bem elaborado, em que se analisa os alunos, implementam-se métodos diferentes, assim como formas avaliativas e, com isso, obtêm-se resultados positivos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

O plano geral de trabalho deve concentrar-se na promoção metódica e sistemática da capacidade do aluno em tematizar e criticar, de modo rigoroso, conceitos, proposições e argumentos [...]. Somente o desenvolvimento dessa capacidade é que pode indicar que o aluno se apropriou de um modo de ler/pensar filosófico-reflexivo (BRASIL, 1999, p. 50).

No período de execução do trabalho houve formação de grupos, com rodas de conversa, onde ocorreram bons diálogos e debates com o propósito de aprofundar o conhecimento na temática, como também produções de texto que ajudaram na execução do café filosófico.

As rodas de conversa ajudaram os alunos a mostrarem seus potenciais críticos e participativos, pois expuseram suas opiniões acerca do tema proposto e escutaram a opinião dos demais alunos participantes. Acredita-se que esse método proporcionou um enriquecimento de conhecimentos, uma vez que realizaram diálogos de diversos temas filosóficos e analisaram a filosofia antiga trazendo para a atualidade.

Depois dessas rodas de conversa foram propostas produções de textos. Percebeu-se boas produções, pois, em seus textos, os alunos tentaram expor sua realidade, suas experiências, sempre introduzindo com o *Mito da Caverna*, fazendo um paralelo da obra platônica com a atualidade. Como cita Santos (2012, p. 76),

A caverna é o espaço interior de cada um de nós, amplificado e projetado no espaço público da cidade, _ para escapar da Caverna é necessário que as consciências individuais e coletiva encontrem formas de sair de si e da prisão que as confina. – enquanto cada um não se autoexaminar, não buscar em si mesmo a raiz do saber que lhe confere a sua identidade individual e política -, todos viverão reféns das “suas” convicções, sempre submetidos ao capricho das opiniões em voga, respigadas de uns e de outros, aqui e ali.

Partindo dessas metodologias, foi finalizado com o café filosófico, momento em que foram apresentadas as produções textuais, filmagens das rodas de conversas, discussões dos pontos positivos e negativos da pesquisa e o que ela contribuiu para enriquecer o conhecimento de cada um.

O café foi considerado o momento mais esperado pelos alunos, pois eles estavam com vontade de partilhar todo o conhecimento que aprenderam durante esse trabalho. Cada aluno trouxe algum tipo de comida para que pudesse ser partilhado com todos, também gostaram de decorar a sala com colchas, almofadas, tornando o ambiente agradável para todos que ali iriam partilhar e aprender, mostrando que existem várias formas de tornar aulas prazerosas e rica em aprendizado.

Cada aluno que participou ativamente do projeto, mostrou seu entendimento diante do *Mito da Caverna*, o que proporcionou vários conhecimentos, pois cada um teve uma visão diferente, uns elencaram a importância da compreensão do mundo sensível e inteligível, outros a importância da libertação do indivíduo, como também de termos um olhar diferente para cada situação.

Para o café filosófico, vários professores foram convidados a participarem e compartilhar com eles, através de discussões filosóficas, a importância da escola promover essas ações, proporcionando aos alunos uma nova maneira de pensar não só a filosofia, mas também todas as disciplinas.

Ainda, foi solicitado que os alunos descrevessem, em forma de poesia, a experiência vivida na pesquisa. De início, acharam difícil, alguns disseram que não conseguiriam, mas a cada aula que passava eles faziam anotações sobre aquele momento para que fosse introduzido na poesia. No final, todos entregaram a poesia, na qual demonstraram o que sentiram nas aulas, a experiência e o que acrescentou na vida deles aqueles momentos de aprendizado. Alguns pediram para ler a poesia em sala e mostrar aos professores presentes que são capazes, foi um momento enriquecedor.

Percebeu-se que podemos reconquistar a falta de interesse dos alunos, redescobrimo a escola com novas formas de aprender, incentivando-os a refletirem sobre o ontem e o hoje sem perder sua essência, experimentando pensamentos filosóficos e dialogando. O diálogo é importante, pois propicia não apenas a repetição do que o professor explica, mas que os alunos possam elaborar um pensamento com autenticidade.

Os métodos utilizados durante a pesquisa possibilitaram uma aproximação com o objeto *in loco*. De acordo com Lênin (1965, p. 148), “o método é a alma da teoria, distinguindo a forma exterior com que muitas vezes é abordado tal tema (como técnicas e instrumentos) do sentido generoso de pensar a metodologia como a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência”. O método possibilitará a construção da realidade e o potencial criativo do investigador. Nesse sentido, afirma Saviani (1999, p. 39): “para que a escola funcione bem, é necessário que se utilizem métodos de ensino eficazes, por serem eles que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos, no entanto sem abrir mão da iniciativa do professor”.

5.1 ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO

O processo avaliativo seguiu de forma contínua, os alunos começaram a ser avaliados a partir da apresentação do tema até o término da pesquisa. A professora acompanhou os alunos em todo o desenvolvimento do trabalho, com vistas à progressão.

A avaliação é importante, pois analisou em que os alunos tiveram mais dificuldade e em que foram mais produtivos. A cada aula, os alunos demonstravam interesse ou, muitas vezes, falta de interesse, dependendo da dinâmica que era estabelecida na sala de aula.

Desse modo, pode-se dizer que a avaliação tem por finalidade descrever os resultados da pesquisa, partindo do acompanhamento em todos os processos utilizados no trabalho, é importante compreender que ao avaliar os alunos, o professor está avaliando a si mesmo. Isso porque “quando avaliamos as aprendizagens realizadas por nossos alunos, também estamos avaliando, queiramos ou não, o ensino que ministramos” (COLL; *et al*, 2004, p. 213).

Em linhas gerais, conforme Gatti (2003), pode-se classificar uma avaliação como um julgamento de valor. Dado que, segundo os autores, é um julgamento para se saber até que ponto alunos atingem objetivos valiosos em aprendizagens diversificadas em relação a um certo conteúdo considerado necessário ao seu desenvolvimento pessoal. E, por isso, ao avaliar seus alunos os professores estão avaliando a si mesmos.

De acordo com Caldeira (2000, p. 122),

A avaliação escolar é um meio e não um fim em si mesma; ela não ocorre num vazio conceitual, mas está dimensionada por um modo teórico de sociedade, de homem, de educação e, conseqüentemente, de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, Rodrigo (2014, p. 96) alerta: “a avaliação torna-se mais educativa quando o aluno participa ativamente de todo o processo, e não apenas como um executor de tarefas”. Houveram várias estratégias de avaliação, iniciando com a atividade de diagnóstico, leituras coletivas, discussões, produções textuais, elaboração e culminância de um café filosófico. Nesse sentido, a cada etapa, obtêm-se enriquecimento de conteúdos e aprendizagens. Sánchez Vázquez (1977, p. 206 - 207) nos mostra que:

A teoria em si [...] não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e, em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências [...] uma teoria só é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação.

De acordo com Gontijo e Valadão (2004), em razão da prática do ensino da filosofia ter conquistado novos espaços nos meios educacionais nos últimos anos, tem se demandado uma avaliação sistematizada e não cumulativa, com destaque para a avaliação cooperativa. Já que essa última, de acordo com Sant'Ana (2009), estimula o aluno a coletar evidências concretas de trabalhos a partir de uma discussão social e democrática em grupo, além de proporcionar, conseqüentemente, vantagens para os alunos, a partir da participação de cada um para com o grupo.

Desde Dalbério (1987), o fazer juízo, isto é, aprovar o aluno sobre o conteúdo e as habilidades ainda é um grande desafio. O qual não deixa de ser uma indagação filosófica. Dessa forma, Dalbério (1987) sugere que para se fazer uma avaliação alguns fatores que constituem o processo de aprendizado devem ser considerados, tais como, por exemplo, domínio de conteúdo programático, capacidade de reflexão a partir de conceituação teórica e científica, aplicação da teoria na produção científica.

“Nessa perspectiva, pode-se dizer que avaliar as aprendizagens realizadas pelos alunos equivale a especificar até que ponto desenvolveram e/ou aprenderam determinadas capacidades em consequência do ensino recebido” (COLL; *et al*, 2004, p. 202). Sua importância, no âmbito da disciplina de Filosofia, consiste em mediar, transformar o aluno partindo de trabalhos que proporcione um novo olhar sobre a Filosofia e sobre a si mesmo.

Mediante o exposto, ao professor compete a incumbência de explicar a importância da filosofia no Ensino Médio e sua contribuição para o indivíduo. “Enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que e como devem ser ou desenvolver estes jovens e esta sociedade” (LUCKESI, 1991, p. 31).

Por isso, a importância do preparo das aulas. Quando o professor planeja sua aula, avalia todas as ações, ele pode introduzir métodos adequados para cada turma. “A persistência nesse caminho fará com que o aluno descubra o prazer da leitura” (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 122). Conhecendo a turma, os alunos, suas dificuldades, seu contexto social, haverá mais possibilidades de obter sucesso em sala de aula.

Desse modo, pode-se concluir que avaliar o aluno tem um referente direto: o ensino tal como desenvolvido pelo seu professor na particular disciplina ou atividade, em uma dada escola. Pensar um processo de avaliação de alunos sem que este se integre ao planejamento e desenvolvimento das atividades de ensino do professor no

contexto da escola gera algumas avaliações que conhecemos sobejamente: muitas vezes tecnicamente bem feitas, mas vazias de sentido ou tecnicamente péssimas e ainda mais vazias de sentido (GATTI, 2003).

5.2 ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA E RESULTADOS DA PESQUISA

É importante ter em mente que se o aluno consegue obter êxito, o professor também terá, da mesma forma que se o aluno fracassa, o professor também deve se auto avaliar para entender o que pode ser modificado para mudar essa realidade.

Para compreendermos a filosofia no Ensino Médio, deve-se explicar sobre a disciplina de Filosofia que inicia sua reflexão sobre o ensino de filosofia com uma pergunta: “Para que serve a filosofia?” (BRASIL, 2000, p. 44). Esta pergunta pode estar relacionada à história da filosofia, nos fazendo refletir sobre sua importância “o pensamento filosófico resiste precisamente porque não abandona seu motivo originário” (BRASIL, 2000, p. 45).

o filosofar não se produz no vácuo, mas se desenvolve a partir de conteúdos concretos, vale dizer, sobre textos e discursos concretos, uma primeira escolha se impõe: não é possível pretender que o aluno construa uma competência de leitura filosófica sem que ele se familiarize com o universo específico em que essa atividade se desenvolve, sem que ele se aproprie de um quadro referencial a partir dos conceitos, temas, problemas e métodos conforme elaborados a partir da própria tradição filosófica. (BRASIL, 2000, p. 51).

É importante estruturar os conteúdos a partir da tradição para que os alunos se desenvolvam e reflitam criticamente. A proposta de reflexão filosófica no Ensino Médio precisa ser realista, deve confrontar o real, o viver e o agir do indivíduo.

No caso da filosofia antiga, o professor poderá utilizar uma abordagem multidisciplinar, ao perceber que para fazer uma análise da antiguidade é preciso compreender que história, teatro, literatura e filosofia caminham juntos na pesquisa sobre o mundo antigo (CORNELLI, 2012, p. 32).

Mergulhar em textos platônicos, refletindo sobre a antiguidade nas aulas de filosofia, é fazer uma viagem traçando para o aluno novos pensamentos, gerando comentários e entusiasmo, fazendo uma ligação do mito com a atualidade, de como observar o mundo e refletir sobre a busca de sabedoria.

Para que tudo isso ocorresse foi feita uma abordagem multidisciplinar, em que alguns colegas de trabalho, professores de língua portuguesa, história, artes e de sociologia ajudaram no desenvolvimento dessa pesquisa.

O trabalho agradou aos educadores por privilegiar o diálogo entre as disciplinas, objetivando a troca de conhecimentos e metodologias, em detrimento de uma concepção, mais científica, que visa à integração de diferentes matérias para gerar novos conhecimento (MARTINS, 2000, p. 46).

Durante as aulas que foram ministradas, a professora mostrou uma nova forma de pensar, através de exercício intelectual, despertando o senso crítico, a leitura e a importância da construção do pensamento do indivíduo para a sociedade. Como cita Luckesi (1999, p. 23), “a avaliação nos dias atuais é saber recorrer a diversas estratégias e instrumentos para que os alunos compreendam os conteúdos previstos”. “A tarefa de ensinar um pensamento criativo consiste em desenvolver nos alunos, entre outras, as habilidades de perceber lacunas, definir problemas, coletar e combinar informações, elaborar critérios para julgar soluções” (FLEITH, 1994, p. 114).

Para possibilitar a experiência filosófica em sala de aula, por meio do diálogo investigativo, o professor deve-se perder-se a si mesmo. Que seja o primeiro a abdicar dos poderes de ter suas ideias e seu modo de pensar reconhecidos como os mais adequados e, portanto, os que devem ser adotados para cópia. Ele deve estar vazio como o bambu, pois se estiver cheio, nada mais caberá. Se estiver cheio não pode apreciar o novo, nem mesmo o reconhecerá (ASPIIS, 2004, p. 312).

O professor, para obter uma boa avaliação em sala de aula, deve estar aberto a transformar-se, criando novos horizontes, pois ele é um eterno aprendiz juntamente com os alunos, sempre tentando provocar os alunos a obter sua imaginação, seu próprio pensamento. Para que tudo isso ocorra deve-se obter dinâmicas para melhoria da aprendizagem em sala de aula.

Nesse trabalho, a dinâmica das aulas está relacionada com os textos platônicos e problemas da nossa atualidade. O diálogo platônico proporciona compartilhar visões e opiniões de mundos entre os alunos. De acordo com Azzi (2001, p. 19), “A avaliação que acontece no final nos dá uma dimensão do significado e da relevância do trabalho realizado”.

Com a utilização de diversas estratégias, percebe-se que cada aluno tem sua particularidade que se encaixa melhor em uma determinada forma de avaliação, pois alguns alunos se saíram muito bem nos diálogos, enquanto outros se deram melhor

na produção textual. A partir dessas várias possibilidades de avaliação, o professor começa a entender cada aluno e a perceber que todos podem aprender e adquirir conhecimento, só precisam de estímulo e incentivo para mostrar o que cada um tem de melhor.

Não é um trabalho fácil usar estratégias diversificadas para motivar os alunos, diante da realidade do professor que tem mais de 20 turmas que necessitam também de métodos diferentes, mas é possível, pois, como afirma Paulo Freire (1979, p. 30), “Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade, e procurar soluções”.

Desse modo, deve-se acreditar na escola e em todos que a compõem, como também na aprendizagem que pode propiciar nossas possibilidades para todos que estão inseridos no contexto educacional. “A educação, a escola e o ensino são os grandes meios que o homem busca para poder realizar o seu projeto de vida. Portanto, cabe a escola e aos professores o dever de planejar a sua ação educativa para construir o seu bem viver” (MENEGOLA; SANT’ANNA, 2001, p. 11).

Ao analisar a experiência das aulas voltadas para o trabalho, compreendeu-se que o aluno de Ensino Médio tem autonomia, mesmo não tendo maioria legal, que devemos enxergar o potencial de cada um, explicando que somos iguais em direitos e deveres, mas somos diferentes em pensamentos. Por isso, temos a incumbência de ajudar o aluno a descobrir e compreender seus pensamentos para adquirir conhecimentos.

O Mito da Caverna ajudou nessa experiência de descobertas, de novos conhecimentos, recorrendo a textos clássicos, estimulando o aluno a refletir e dialogar, a pensarem de modo mais crítico sobre a filosofia e problemas do nosso cotidiano, que servirão de base para o desenvolvimento na sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia incentiva o pensar reflexivo, sistemático e crítico sobre a realidade e o sujeito no mundo. Nesse sentido, o objetivo desse estudo foi mostrar em que medida o *Mito da Caverna*, de Platão, pode ser indicador de uma educação desenvolvida para alunos do Ensino Médio.

O Ensino Médio é considerado uma fase de consolidação, é o período em que os adolescentes se encontram cheios de perguntas existenciais e filosóficas. É fundamental a filosofia como Componente Curricular e sua colaboração em questionamentos que sejam debatidos e refletidos em sala de aula, proporcionando descobertas que podem levar o aluno a compreender a importância do diálogo para o processo de aprendizagem. Sendo, justamente, a partir desses pontos que tem a importância da Filosofia no Ensino Médio. A qual se constitui uma experiência singular de pensamento, uma vez que, se o estudante não se encontrar com ela nesse nível mais abrangente de ensino, talvez jamais o faça.

Assim como as discussões através do diálogo, a leitura filosófica permite que todos os alunos aprendam um pouco sobre a historicidade da filosofia, especificamente a antiga, de forma participativa e contínua, trazendo essa reflexão para o presente, sempre interligando o passado e o presente, práticas tradicionais com as práticas inovadoras que surgem para melhorar o processo de aprendizagem. Daí a importância da presença da filosofia no Ensino Médio.

Nesse sentido, foi necessário compreender o mito, crença, poesia, o início da filosofia e sua relação com a mitologia, explicando o contexto da *Paideia* e sua importância na contemporaneidade. Como também, elucidar a obra *A República*, em especial, o capítulo VII, que apresenta o *Mito da Caverna*.

As leituras de obras clássicas são importantes para a construção do indivíduo, principalmente as de Platão, pois através dos diálogos é possível proporcionar um aprofundamento teórico nos conhecimentos filosóficos, em que o aluno obtém mais conhecimento e desenvolvimento no processo educacional. Os alunos, a partir da pesquisa, são estimulados através do ensinamento obtido com o *Mito da Caverna* a serem mais críticos e participativos, adquirindo conhecimento que servirá de base para sua vida.

Durante as aulas, com a abordagem sobre *O Mito da Caverna* os alunos refletiram que nunca devemos estar satisfeitos com o conhecimento pré-formado, pois só assim podemos sair da ignorância e nos libertar para buscar novos conhecimentos.

A educação platônica pode ser entendida como etapas ou estágios que o indivíduo passa, desde os níveis primários até os mais avançados. Passando por vários obstáculos para atingir o ideal do bem, como é citado na relação do sensível e o inteligível, com isso, por fim da jornada há uma satisfação: “colher todos os frutos que semeara” (PLATÃO, 1981, 276 b - c: 150).

Nesse sentido, foram mostrados os resultados à instituição onde foi desenvolvida a pesquisa, assim como aos alunos que participaram diretamente da mesma, para que com os resultados reflitam sobre a importância da pesquisa, tanto para o aluno, como para a instituição e sociedade.

A proposta de reflexão filosófica no Ensino Médio precisa ser realista, deve confrontar o real, o viver e o agir do indivíduo. Durante as aulas que foram ministradas dentro do processo de pesquisa, a professora despertou uma nova forma de pensar, através de exercício intelectual, partindo da leitura e a importância da construção do pensamento do indivíduo.

Para essa melhoria, utilizou-se nas aulas o diálogo platônico como fonte de ligação principal entre professor e aluno, tendo visto sua importância na sociedade atual, como também no ambiente familiar e escolar. Com esse método, os alunos obtiveram melhoria na aprendizagem, não só na disciplina de filosofia mas em disciplinas afins, acarretando melhoria no desempenho educacional, beneficiando não só o aluno, mas toda a comunidade escolar.

Os momentos vivenciados com os alunos nesse trabalho serviram para compreender, diante do Estudo de Caso, que o professor a partir de novas metodologias pode transformar e aprimorar o conhecimento, que com novos métodos, alunos que não debatem, não participam das aulas, começaram a participar e a refletir não só sobre filosofia, mas interagir nas aulas de outras disciplinas, participando e descrevendo que modificaram sua forma de compreender a importância de aprender na escola e levar esse conhecimento para o meio social.

Por fim, pode-se ressaltar que muito ainda há o que se refletir acerca do sistema de avaliação para com a Filosofia no Ensino Médio, tanto diante da sua relevância para um maior entendimento pessoal dos alunos quanto para motivar uma maior dedicação diante desse Componente Curricular.

Diante dessa experiência com o Mito da Caverna na contemporaneidade, observa-se a importância do professor saber trabalhar os clássicos, livros estes que nunca devem ser esquecidos, pois enriquecem o aprendizado e conhecimento em sala de aula, trazer Platão para a atualidade como novos métodos de ensino, foi fundamental para perceber a importância de refletir sobre os pilares de Platão relacionados a aretê e a paideia e os pilares contemporâneo aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser, pilares fundamentais para a melhoria e aprimoramento da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos por Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALMEIDA, M. C. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2010 (Coleção Contextos da Ciência).

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002. 203 p.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando, introdução à filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. In: REALE, G. *Metafísica II: texto grego com tradução ao lado*. Tradução de Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ASPIS, R. P. L. **O Professor de Filosofia: o ensino de filosofia no Ensino Médio como experiência filosófica**. Campinas: UNICAMP, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

AZZI, S. **Avaliação e progressão continuada**. Belo Horizonte: SMED, 2001.

BARBOSA, M. J. **A aula de Filosofia como Laboratório Conceptual**. Braga: APEFP, 2014.

BARROS, G. N. M. de. **Platão: Mito e Paideia**. In: *Notandum Libro 10, CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto*, 2008. Disponível em: http://www.hottopos.com/notand_lib_10/gilda.pdf. Acesso em: 29 jun. 2017.

BATISTA, G. A. Algumas reflexões tanatológicas de caráter educacional no pensamento de Platão. **Conjectura: filosofia e educação**, v. 21, n. 3, p. 582 - 603, 2016.

BODGAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.

BORIN, L. C. **Ideias para a reconstrução do programa de filosofia para crianças.** Santa Maria: UFSM, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria.

BORNHEIM, G. A. **Introdução ao Filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais.** São Paulo: Globo, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.** Brasília: MEC – Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec), 1999. p. 44 - 64.

BRASIL. MEC. **Ciências humanas e suas tecnologias – Parte IV - Conhecimentos de filosofia.** *In:* Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio). Brasília, DF: MEC, 2000, p. 44 - 75.

BRISSON, L.; PRADEU, Jean-François. **As leis de Platão.** São Paulo: Loyola, 2006.

CALDEIRA, A. M. S. **Ressignificando a avaliação escolar.** *In:* CALDEIRA, A. M. S. Comissão Permanente de Avaliação Institucional: UFMG. Belo Horizonte: PROGRAD/UFRG, 2000.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces.** Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

CASERTANO, G. **Uma introdução à República de Platão.** Tradução de Maria da Graça Gomes de Pina. São Paulo: Paulus, 2011.

CASSIRER, E. **Antropologia Filosófica.** Tradução de Vicente Felix de Queiroz. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

CHAUÍ, M. **Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

COLL, C.; *et al.* **O construtivismo em sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

COLOMBANI, M. C. H. **Ilíada**: uma introducción crítica. Buenos Aires: Santiago Arcos editor, 2005.

CORNELLI, G. **Viver e ensinar**: modalidades marginais da história da filosofia antiga. *In*: ROCHA, S. L. R. Cinco ensaios sobre a antiguidade. São Paulo: Annablume, 2012.

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 2008.

COTRIM, G. **Fundamentos da Filosofia**. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

CURADO, E. B. F. **O movimento sofista e o ensino da areté**. Goiânia: UFG, 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/1131/1/Dissertacao%20Eliana%20Borges%20Fleury%20Curado.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

DALBERIO, O. Avaliação: uma questão filosófica. **Educação e Filosofia**, v. 1, n. 2, p. 81 - 83, 1987.

DELORS, J. Educação. **Um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1998.

DEMO, P. **Conhecer & Aprender – Sabedoria dos Limites e desafios**. Porto Alegre: ARTEMED, 2000.

DETIENNE, M. **Os Mestres da Verdade Arcaica**. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

ELÍADE. M. **Mito e Real**: idade, debate e filosofia. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

ESQUISANI, V. A. **Ensinar a Pensar**. Mundo Jovem – Um Jornal de ideias. Porto Alegre: Editora da PUCRS, n° 313, p. 19, fevereiro 2001.

FLEITH, D. S. **Treinamento e estimulação da criatividade no contexto educacional**. In: VIRGULIM, A.; ALENCAR, E. (Orgs.). Desenvolvimento e expressão da criatividade. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994. p. 113 - 141.

FLICK, U. **Métodos de Pesquisa**: introdução a pesquisa qualitativa. Tradução de Joice Elias Costa. São Paulo: Artmed Editora, 2009.

FRANCA, L. **Noções de história da filosofia**. 23. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

FREITAS, M. T. A. **Bakhtin e a psicologia**. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Orgs.). Diálogos com Bakhtin. Curitiba: UFPR, 2011. p. 141 - 160.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, B. **Formação do professor pesquisador para o ensino superior**: desafios. In: IV Congresso Paulista de Formação de Professores. Águas de Lindóia, 2003.

GERHARDT, T. E.; *et al.* **Estrutura do Projeto de Pesquisa**. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 65 - 88.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONTIJO, P. E. **Os professores de Filosofia no Ensino Médio Regular das escolas públicas do Distrito Federal**: práticas e sentidos em construção. Brasília: UNB, 2004. 127p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade de Brasília.

HADOT, P. **O que é a filosofia Antiga?**. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HEIDEGGER, M. **O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento**. *In: Os Pensadores – Heidegger*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

JAEGER, W. **Paideia, a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

JEANNIERE, A. **Platão**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

KAHN, C. H. **Leituras filosóficas: Pitágoras e os pitagóricos**. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

KOAHN, W. **Perspectivas atuais do ensino de filosofia no Brasil**. *In: FÁVERO, A.; RAUBER, J.; KOAHN, W. (Orgs.). Um olhar sobre o Ensino de Filosofia*. Ijuí/RS, Unijuí, 2002. p. 21 - 40.

KOYRÉ, A. **Introdução à leitura de Platão**. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1963.

KRAUSZ, L. S. **As Musas, poesia e divindade na Grécia Arcaica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

KRAUT, R. (Org.). **Platão**. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

LÊNIN, W. **Cahiers philosophiques**. Paris: Sociales, 1965.

LIBÂNIO, J. C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

LIPMAN, M. **A filosofia na sala de aula**. São Paulo. Nova Alexandria, 2002.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1991.

LUCKESI, C. C. **Verificação ou avaliação: o que pratica a escola?** Porto Alegre: ArtMed, 1999.

MACIEL, C. **Mitodrama**. São Paulo: Editora Ágora, 2000.

MARCONDES, D. **Iniciação à História da Filosofia**: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein. 13. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

MARROU, H. I. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: EPU, 1990.

MARTINI, S. **Manuale, testo filosofico e unità didattica**. 2001. Disponível em: www.ilgiardinodeipensiere.eu. Acesso em: 16 ago. 2018.

MARTINS, G. A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. São Paulo: Atlas, 2000.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MATOS, J. C.; COSTA, M. R. N. **Ensino de Filosofia**: questões Fundamentais. A formação dos professores para o Ensino de Filosofia. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2014.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MENEGOLLA, M.; SANT'ANNA, I. M. **Por que planejar? Como planejar?**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MORAN, J. M. Novas tecnologias e o reencantamento do mundo. **Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 126, set./out. 1995, p. 24 - 26.

OLIVA, A.; GUERREIRO, M. **Pré-socráticos**: a invenção da filosofia. Campinas: Papirus, 2000.

PAGNI, P. A.; SILVA, D. J. **Introdução à Filosofia da Educação**: temas contemporâneos e história. São Paulo: Avercamp, 2007.

PAPPAS, N. **A República**: uma chave de leitura. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. (Coleção chaves de leitura).

PAVIANI, J. **Platão & A República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

PAVIANI, J. **Platão e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães & C. Editores, 1981. 159 p.

PLATÃO. **As leis, ou da legislação e epinomis**. Tradução de Edson Bini. Bauru, São Paulo: EDIPRO, 1999a.

PLATÃO. **Protágoras**. Tradução de Ana Piedade Elias Pinheiro. Lisboa: Relógio D'água, 1999b.

PLATÃO. **Protágoras – Górgias – Fedão**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2. ed. Belém: EDUFPA, 2002.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2017.

PLATÓN. **Carta VII**. *In*: Diálogos VII (Dudosos, Apócrifos, Cartas). Biblioteca clásica de Gredos. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

REALE, G. **História da filosofia antiga**. São Paulo: Loyola, 1993. V. 1.

RODRIGO, L. M. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas, SP: Autores associados, 2014.

RODRIGUES, E. M. **Um breve estudo sobre a educação na República de Platão**. Campinas: UNICAMP, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252900>. Acesso em: 24 mar. 2016.

ROGUE, C. **Comprender Platão**. Tradução de Jaime A. Clasen. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a avaliação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. **Filosofia da práxis**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SANT'ANNA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar?: critérios e instrumentos**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SANTOS, J. G. T. **Platão: a construção do conhecimento**. São Paulo: Paulus, 2012.

SAVIAN FILHO, J. **Filosofia e filosofias: existência e sentido**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 32. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

SCOLNICOV, S. **Platão e o Problema Educacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SEVERINO, A. J. Do ensino da filosofia: estratégias interdisciplinares. **Educação em Revista**, Marília, v. 12, n. 1, p. 81 - 96, Jan./Jun. 2011. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/1539>. Acesso em: 15 set. 2019.

SILVA, F. L. **Função Social do Filósofo**. In: ARANTES, P. E.; *et al.* A filosofia e seu Ensino. São Paulo: EDUC, 1993. p. 9 - 22.

SOARES, A. J. **Dialética, educação e política: uma releitura de Platão**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA, J. C.; KUHNE, R. F. (Orgs.). **Os Pré-Socráticos**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

SOUZA, J. M. **O papel do professor face a tensão entre globalização e diversidade.** In: V Congresso de Escola Cultura da AEPEC, 1998.

TAYLOR, C. **Sócrates.** Porto Alegre, RS: L & PM. Ed., 2010. 144 p.

TOMAZETTI, E. M. **Filosofia no Ensino Médio e seu professor:** algumas reflexões. Santa Maria/RS: Revista Educação, 2002.

VERNANT, Jean-Pierre. **Entre mito e política.** Tradução de Cristina Murachco. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia Antiga.** Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

WILLIAMS, B. **Platão:** a invenção da Filosofia. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZANATTA, J. A.; COSTA, M. L. Algumas reflexões sobre a pesquisa qualitativa nas ciências sociais. **Estud. pesqui. Psicol,** São Paulo, v. 12, n. 2, 2012, p. 344 - 359.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

1. SOCIAL

Idade: ___ anos

Sexo () M () F

Estado civil: () solteiro(a) () casado(a) () separado(a) () viúvo(a)
() outro _____

Número de filhos: () nenhum () 1 () 2 () 3 () mais de 3

2. PROFISSIONAL

2.1. JORNADA DE TRABALHO

2.1.1. Você possui algum emprego remunerado? () Não () Sim

2.1.1.1. Qual função exerce nesse emprego? _____

2.1.1.2. Carga horária semanal: ___ horas

2.1.3. Você possui algum emprego sem remuneração? () Não () Sim

2.1.3.1. Qual função exerce nesse emprego sem remuneração? _____

2.1.3.2. Carga horária semanal do emprego sem remuneração: ___ horas

2.2 NÍVEL SALARIAL

() 1/2-1 Salário Mínimo () 1-2 Salários Mínimos () 2-3 Salários Mínimos () 3-5 Salários Mínimos () 5-10 Salários Mínimos () 10-20 Salários Mínimos () Mais de 20 Salários Mínimos

2.3 NÍVEL SALARIAL FAMILIAR

() 1/2-1 Salário Mínimo () 1-2 Salários Mínimos () 2-3 Salários Mínimos () 3-5 Salários Mínimos () 5-10 Salários Mínimos () 10-20 Salários Mínimos () Mais de 20 Salários Mínimos

3. ESTUDO

3.1. Quanto tempo dedica aos estudos semanalmente? ___ horas

3.2. Quanto tempo dedica ao estudo dos conteúdos da disciplina Filosofia semanalmente? ___ horas

APÊNDICE B – TÓPICOS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA I

- Você acha importante estudar? Por quê?
- Você gosta de estudar? Por quê?
- Você acha importante estudar Filosofia? Por quê?
- Você gosta de estudar Filosofia? Por quê?
- O que você pensa sobre os conteúdos trabalhados na disciplina Filosofia?
 - Os conteúdos são importantes?
 - Os conteúdos são interessantes?
 - Os conteúdos são chatos?
 - Os conteúdos são difíceis?
 - Os conteúdos têm alguma relação com a sua vida?
- O que você pensa sobre a metodologia utilizada nas aulas de Filosofia?
 - A metodologia é interessante?
 - A metodologia é chata?
 - A metodologia é cansativa?
 - A metodologia dificulta ou facilita a aprendizagem?
- Como você pensa a sua capacidade de argumentação?
 - Tem interesse pelo desenvolvimento de sua capacidade de argumentação? Por quê?
 - Acha importante desenvolver a sua capacidade de argumentação? Por quê?
 - Tem dificuldade em argumentação? Qual a causa dessa dificuldade?
 - Você gosta de escrever?
 - Você gosta de escrever textos argumentativos?
 - Você gosta de ler? O que você gosta de ler?

APÊNDICE C – TÓPICOS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA II

- Você acha importante estudar? Por quê?
- Você gosta de estudar? Por quê?
- Você acha importante estudar Filosofia? Por quê?
- Você gosta de estudar Filosofia? Por quê?
- O que você pensa sobre os conteúdos trabalhados na disciplina Filosofia?
 - Os conteúdos são importantes?
 - Os conteúdos são interessantes?
 - Os conteúdos são chatos?
 - Os conteúdos são difíceis?
 - Os conteúdos têm alguma relação com a sua vida?
- O que você pensa sobre o estudo do Mito da Caverna realizado na disciplina Filosofia?
 - O estudo sobre o Mito da Caverna foi importante? Por quê?
 - O estudo sobre o Mito da Caverna foi cansativo? Por quê?
 - O estudo sobre o Mito da Caverna foi chato? Por quê?
 - O estudo melhorou meu processo de aprendizagem e conhecimento sobre filosofia? Por quê? De que maneira?

APÊNDICE D – ELABORAÇÃO DE REDAÇÃO FILOSÓFICA

ESCOLA ESTADUAL JOÃO SILVEIRA GUIMARÃES

DISCIPLINA: FILOSOFIA

PROFESSORA: GEÍNA GERMANO

REDAÇÃO FILOSÓFICA

NOME:

TURMA:

DATA:

Baseado em seus conhecimentos sobre o Mito da Caverna e sua compreensão sobre a filosofia de Platão, construa uma redação filosófica sobre as ideias e reflexões acerca do Mito da Caverna interligando com a sociedade atual. Por fim, descreva uma proposta filosófica de como devemos sair das Cavernas Contemporâneas.

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	

APÊNDICE E – MODELOS DE ATIVIDADE

ESCOLA ESTADUAL JOÃO SILVEIRA GUIMARÃES**DISCIPLINA: FILOSOFIA****PROFESSORA: GEÍNA GERMANO****POESIA FILOSÓFICA****NOME:****TURMA:****DATA:**

O Mito da Caverna esteve presente em várias aulas para mostrar a importância da compreensão de textos filosóficos para o processo de ensino aprendizagem. Foram debatidos vários temas como a importância da filosofia antiga, entender mundo sensível e o mundo inteligível, Platão e sua filosofia. Diante desse vasto leque de conhecimentos que o Mito da caverna proporcionou, elabore uma poesia de tudo que marcou seu aprendizado nesse período, elencando o Mito da Caverna, a filosofia antiga, a sociedade atual e o aprendizado.

OBS: Os poemas serão entregues no dia da execução do Café Filosófico.

ESCOLA ESTADUAL JOÃO SILVEIRA GUIMARÃES

DISCIPLINA: FILOSOFIA

PROFESSORA: GEÍNA GERMANO

POESIA FILOSÓFICA SOBRE O MITO DA CAVERNA

Escuro enganoso

Neste escuro intenso,
Onde tudo pode prevalecer,
Sombras são muros,
De indivíduos que não sabem viver.
Em paredes rabiscadas,
Com histórias “vivas”,
O sol virou brasa,
Aquecendo as noites frias.
A verdade atormenta,
Para quem vive na ilusão,
Idealizando um mundo bom,
Que não há perseguição.
Até que um dia saímos,
Para conhecer o nosso exterior,
Que é repleto de mentiras, falsidades e rancor.
Precisamos conhecer e enfrentar,
A verdade que o mundo nos dá,
Vencendo os monstros da hipocrisia,
Que insiste á nos rondar.
Mais de forma vagarosa,
Estamos regredindo,
Voltando ao passado,
Gerando outro mito.
Mito este que já foi relatado,
Pelo filósofo Platão,
Mostrando o mito cavernal,
Que consistia em uma ilusão.

AUTORES: IGOR BEZERRA E JESSICA FLAYANE.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
 Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
 UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
 Campus Caicó Curso de Filosofia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa “O Mito da Caverna: Uma reflexão crítica para alunos do Ensino Médio” coordenada pelo (a) Prof. Dr. Lourival Bezerra da Costa Junior e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Caso decida aceitar o convite, seu/ sua filho (a) será submetido ao seguinte procedimento: participação de encontros com leitura e produção de textos acerca do Mito da Caverna; responder um questionário com perguntas abertas e fechadas sobre aspectos sócias, trabalho e estudo, cujo as informações coletadas serão organizadas em banco de dados em programa estatístico e analisadas a partir de técnicas de estatística descritiva com o objetivo de organizar e sumarizar os dados cuja responsabilidade de aplicação é de Geina Emilia Germano da Silva, mestranda do curso de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO do Campus Avançado de Caicó, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. As informações coletadas serão organizadas em banco de dados em programa estatístico e analisadas a partir de técnicas de estatística descritiva com o objetivo de organizar e sumarizar dados.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: “Apresentar para os alunos a importância do estudo de conteúdos filosóficos no Ensino Médio, como o Mito da Caverna de Platão que ajuda a instigar o pensamento crítico e conhecimento que será de base para o desenvolvimento do indivíduo na sociedade”. E como objetivos específicos: Promover a leitura reflexiva dos alunos partindo do Mito da Caverna. Compreender o Mito da Caverna e sua relação com a sociedade atual. Desenvolver nos alunos novas ideias, motivação e participação na disciplina de filosofia.

O benefício desta pesquisa é a possibilidade de melhoria de aprendizagem; prática reflexiva; compreensão de textos filosóficos; participação dos alunos em várias metodologias; apreciação dos clássicos filosóficos e sua importância no contexto atual;

Os riscos mínimos que o participante da pesquisa estará exposto são de possíveis constrangimento/vergonha de ter seus dados serem expostos à pesquisadora. Esses riscos serão minimizados mediante: Garantia do anonimato/privacidade do participante na pesquisa, onde não será preciso colocar o nome do mesmo; Para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas a discente Geina Emilia Germano da Silva aplicará o questionário e somente a discente Geina Emilia Germano da Silva pesquisadora responsável e o professor orientador Prof. Dr. Lourival Bezerra da Costa Júnior poderão manusear e guardar os questionários; Sigilo das informações por ocasião da publicação dos resultados, visto que não será divulgado dado

que identifique o participante; Garantia que o participante se sinta a vontade para responder aos questionários e Anuência das Instituições de ensino para a realização da pesquisa.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em CD-ROM e caixa arquivo, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade do pesquisador responsável no Departamento de Filosofia, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes e o responsável.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para a pesquisadora Geina Emilia Germano da Silva da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/RN, Campus Avançado de Caicó, no endereço Avenida Rio Branco, nº 725, Bairro Centro, CEP 59318-000 – Caicó – RN. Tel.(84) 3421-6513 ou 3421-4837. Dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) -Campus Universitário Central - Centro de Convivência. BR 110, KM 48 Rua: Prof. Antonio Campos, S/N, Costa e Silva.Tel: (84) 3312-7032. e-mail: cep@uern.br / CEP 59.610-090.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar dano – e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade da pesquisadora Geina Emilia Germano da Silva.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. O pesquisador estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

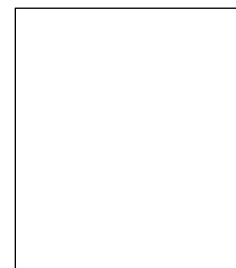
Consentimento Livre

Concordo em participar desta pesquisa “O Mito da Caverna: Uma reflexão crítica para alunos do Ensino Médio”. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais meu/ minha filho (a) será submetido (a) e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo assim, a publicação dos dados da pesquisa, a qual me garante o anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação.

Cidade, ____/____/____.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante



Geina Emilia Germano da Silva (Pesquisadora Responsável) - Aluna do Curso de mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –

UERN, Campus Caicó, no endereço Av. Rio Branco, n. 725, Centro, CEP: 59300-000 – Caicó – RN. Tel.(84) 3421-6513 ou 3421-4837.

Prof. Dr. Lourival Bezerra da Costa Júnior (Orientador da Pesquisa) - Curso de Filosofia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Caicó, no endereço Av. Rio Branco, n. 725, Centro, CEP: 59300-000 – Caicó – RN. Tel.(84) 3421-6513 ou 3421-4837.

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN)

Campus Universitário Central - Centro de Convivência. BR 110, KM 48 Rua: Prof. Antonio Campos, S/N, Costa e Silva.Tel: (84) 3312-7032. e-mail: cep@uern.br / CEP 59.610-090.